

# Sítio Esperança

Artur Chinelato de Camargo

5ª Edição



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Embrapa Pecuária Sudeste  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

# *Sítio Esperança*

Artur Chinelato de Camargo

5ª Edição

Embrapa  
Brasília, DF  
2019

**Embrapa Pecuária Sudeste**  
Rod. Washington Luiz, km 234  
Caixa Postal 339  
CEP 13560-970, São Carlos, SP  
Fone: (16) 3411-5600  
www.embrapa.br  
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Comitê Local de Publicações

Presidente  
*Alexandre Berndt*

Secretário-Executivo  
*Simone Cristina Méo Niciura*

Membros  
*Emilia Maria Pulcinelli Camarnado*  
*Mara Angélica Pedrochi*  
*Maria Cristina Campanelli Brito*  
*Milena Ambrosio Telles*

Projeto gráfico  
*Editar Editora Associada*  
*Juiz de Fora, MG*

Ilustrações  
*Eduardo Caffagni de Camargo*

1ª edição (2008): 5 mil exemplares  
2ª edição (2009): 2 mil exemplares  
3ª edição (2010): 3 mil exemplares  
4ª edição (2014): 3 mil exemplares  
5ª edição (2019): 10 mil exemplares

**Todos os direitos reservados.**

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,  
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
Embrapa Pecuária Sudeste

---

Camargo, Artur Chinelato de  
Sítio Esperança. / Artur Chinelato de Camargo. — São Carlos, SP: Embrapa  
Pecuária Sudeste, 2019.

112p.

ISBN 978-85-7035-876-9

1. Administração rural. 2. Produção leiteira. 3. Projeto Balde Cheio. I.  
Camargo, Artur Chinelato de. II. Título.

---

CDD: 636.2142

© Embrapa 2019

*Dedico esse livro a meus dois grandes amores,  
minha esposa Gisela e meu filho Eduardo.  
Eles sempre me apoiaram na execução do Projeto Balde Cheio,  
que, devido à sua natureza de “ir aonde o povo está”,  
requer longas ausências do lar.*





*Agradeço ao meu filho Eduardo  
pelos desenhos que ilustram essa edição  
e à minha esposa Gisela pela orientação na arte final.*



# Apresentação

Este livro nasceu do desejo de me comunicar com os técnicos que atuam na extensão rural e com os produtores de leite. Queria mostrar minha forma de enxergar a atividade leiteira. Era o meu anseio partindo de um cenário de total desalento existente em muitas propriedades leiteiras, em especial, as de tamanho reduzido, mostrar os caminhos para a mudança da situação e, por fim, alcançar a realização plena, depois de um processo de transformação lento e longo. Tinha tentado me expressar em vários artigos, mas não estava satisfeito com o resultado. Apenas um aspecto isolado da atividade leiteira, tão complexa, era abordado. Ficava a sensação de “quero mais”.

Certa vez, lendo sobre os índices de audiência das telenovelas brasileiras e sobre como o povo daqui gosta desse tipo de história contada aos pedaços, me veio a inspiração de escrever uma novela técnica em capítulos. A seguir, a dúvida! Que revista do setor rural se interessaria em publicar uns quinze capítulos, como imaginava no começo, de uma obra de ficção e, ao mesmo tempo, repleta de conteúdo técnico verídico sobre a atividade leiteira? Na mesma hora pensei na Revista Balde Branco, a mais importante e antiga do setor leiteiro, levando conceitos e informações práticas aos técnicos e produtores de leite. Entrei em contato com o então editor da revista, o Sr. Nelson Rentero, que, apesar de surpreso com a proposta, pediu que lhe enviasse uns três capítulos da tal novela. Alguns dias depois, ele me ligou querendo saber o que havia acontecido no quarto capítulo. O sinal verde fora dado e, a partir de junho de 2004, a revista passou a publicar mensalmente trechos da história, num total de 30 capítulos.

Ao final da novela, em novembro de 2006, recebi muitas solicitações de cópias de um ou outro capítulo que as pessoas deixaram de ler. Pensando nisso, surgiu a ideia de publicar um livro. Faltava quem pudesse patrociná-lo. Corri atrás de empresas parceiras e a primeira edição com tiragem de 5 mil exemplares foi bancada pela Cooperativa Central Agroindustrial Limitada (Confepar), de Londrina, no Paraná. A segunda edição, com tiragem de 2 mil exemplares, teve o patrocínio da Federação da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro (Faerj) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) do Estado do Rio de Janeiro. A terceira edição, com tiragem de 3 mil exemplares, contou com o apoio e o patrocínio da Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais (FAEMG). A quarta edição teve

o apoio da Fundação Educacional Dom André Arcoverde de Valença, RJ, com tiragem de 3 mil exemplares. Esta quinta edição teve o apoio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), com tiragem de 10 mil exemplares.

Agradeço à revista Balde Branco, por ter acreditado na ideia, e à Embrapa, por investir no Programa Balde Cheio desde 1998, sem dúvida, o maior inspirador desta obra.

Artur Chinelato de Camargo

# Prefácio

A imagem do produtor de leite está frequentemente associada a sofrimento, desilusão, revolta e dificuldades crônicas ao longo dos anos. Quando é caracterizado como pequeno, a situação se complica ainda mais, porque análises prevêm seu desaparecimento do processo produtivo, porque assim aconteceu em outros países e também se acredita que o progresso manterá no campo somente os que conseguirem obter retornos satisfatórios na atividade agropecuária. Aumento de produção dos fornecedores de leite das grandes empresas, acompanhado de avaliações econômicas desfavoráveis em propriedades que produzem pouco leite e situação desoladora nas regiões tradicionais com predominância de pequenos produtores, é indicador utilizado para provocar desânimo em quem não consegue crescer e entrar na lista dos afortunados. O pequeno tem complexo de inferioridade por ser pobre e apresentar pouca eficiência, trabalha para obter renda adicional para sustento da família, os filhos almejam a ilusão das cidades sem possuir capacitação para trabalhos mais elaborados, e a vida vai se arrastando por falta de alternativas. Muitos tentaram o plantio de mandioca, café, algodão, maracujá, feijão e arroz para descobrir que a única perspectiva viável era manter um rebanho de gado comum e tirar um leitinho para obtenção de renda mensal pequena, mas constante.

O cenário parece sombrio para o pequeno, mas o que significa ser pequeno? Renda mensal diminuta, rentabilidade baixa, produtividade irrelevante, descapitalização e desânimo são consequências da baixa produção ou reflexos de atividade extrativa conduzida sem tecnologia? Grandes ou pequenos proprietários de terra que possuem rebanhos “leiteiros” desestruturados produzem pouco leite porque adotam as mesmas práticas empregadas na idade média europeia, na época dos faraós, ou na Índia dos marajás. Ordenhar manualmente vacas não especializadas, com o bezerro amarrado na perna, reprodução não controlada, reprodutores inadequados, subnutrição, pastagens em solos de baixa fertilidade, doenças e parasitos não são características típicas de pequenos, mas sim indicativas da não utilização de conceitos técnico-científicos e empresariais na atividade leiteira.

Quem não acredita na possibilidade de inserir os pequenos no mercado competitivo ignora que, nos Estados Unidos, o maior produtor mundial de leite, a fazenda média em 1950 tinha seis vacas e produzia 40 litros; em 1970, somente 31 vacas vendendo 255 litros; e, na virada do século,

existiam 110 vacas e 2.500 litros por produtor. A redução no número de fazendas, de acordo com estudos, não foi somente pelo fato de produzir pouco, mas também por fatores como ampliação do setor de serviços nas cidades, absorvendo mão de obra com escolaridade, dificuldade de adaptação às exigências do mercado, aparecimento de atividades mais rentáveis com pouco trabalho, como manutenção de hotéis para cavalos, e dificuldades na sucessão, porque os filhos educados em outras áreas não tinham interesse em continuar na atividade. O processo de mudança foi lento, impulsionado pela adoção de tecnologia; muitos produtores pequenos cresceram e hoje a média por vaca do rebanho/ano é alta por causa de mudanças nos sistemas de produção, mas a área média continua por volta de 100 hectares. A análise do que ocorreu com a atividade leiteira ao longo do tempo revela que ninguém começou grande, a não ser por herança, e que negar ao pequeno a possibilidade de crescer e contribuir para o desenvolvimento do setor é ignorar a história do desenvolvimento da pecuária leiteira no mundo, menosprezar um potencial latente e negar ao homem do campo, que vive ainda num estágio rudimentar de conhecimento tecnológico, a possibilidade de se inserir no mundo moderno e de não sentir necessidade de migrar para os centros urbanos, aumentando problemas sociais nas regiões em desenvolvimento.

O compêndio Sítio Esperança descreve, com muita propriedade, casos reais de um esforço consciente de levar ao homem do campo, independentemente do tamanho de sua fazenda, a perspectiva que nunca teve por ignorar tecnologia. É uma lição de bom senso e propostas realistas associando produção intensificada ao lucro, desmistificando a ideia de que tecnologia está associada a riqueza e poder. Aprende-se a lição com a máxima de que querer é poder, que trabalho é sinônimo de resultado e que sem disciplina não se encontra o caminho para uma nova realidade com recuperação da esperança. A prosa apresentada em tom coloquial, simples e direto mostra como agricultores sem grandes investimentos, utilizando os recursos existentes, com adaptação da proposta caso a caso, conseguem mudar um ciclo de pobreza. Os resultados da doutrinação só podem ser realmente avaliados quando Sítios Esperança operados pela família são visitados, e encontra-se emoção nos produtores que venceram o desafio, alegria nas esposas, que experimentam outro padrão de vida, e determinação nas crianças que desejam continuar como produtores de leite quando crescerem. Além da impressão animadora, também índices de produtividade e rentabilidade inacreditáveis são revelados. Frequentemente, a apresentação dos números cuidadosa e criteriosamente coletados leva à exclamação de que tudo é difícil de acreditar, para não dizer que é mentira.

A leitura dos “causos” apresentados nessa coletânea rica em detalhes é obrigatória para aqueles que almejam mudanças estruturais de modo a transformar o país não só em um grande, mas também um bom produtor de leite. Os ensinamentos são úteis porque apresentam caminhos seguros, aplicados em milhares de propriedades, e não uma simples proposta visionária. Trata-se de uma comprovação de que tecnologia pode mudar a produção, a produtividade, o padrão de vida, a autoestima e a esperança dos que adotaram a produção de leite como atividade para exploração econômica e eficiente do solo para obterem lucro mais elevado por unidade de área que qualquer outra exploração agropecuária.

A proposta inserida nos textos do Sítio Esperança afeta o proprietário rural, que vê sua vida sob outra perspectiva; o técnico, que é capaz de avaliar o resultado de sua atuação profissional, manipulando fatores produtivos; a indústria, que visualiza um potencial ignorado; os estudantes, que podem acreditar em tecnologia e, sobretudo, os céticos, que poderão considerar, se forem capazes de entender, o significado do que leem, que o pequeno produtor familiar de leite merece respeito e consideração porque pode evoluir e ser grande.

Esta publicação mostra profissionalismo, determinação e seriedade na mensagem de um profissional de personalidade marcante e incomparável, capaz de mostrar com simplicidade o significado verdadeiro de tecnologia e seus efeitos sobre mudanças socioeconômicas importantes para um país de grandes contrastes no meio rural. O engenheiro-agrônomo Artur Chinelato de Camargo pregou produção intensificada a vida toda, sem medir esforços ou procurar recompensa, mantendo sempre viva a esperança de encontrar um sítio para depositar todo seu idealismo e conhecimento para benefício dos produtores de leite.

Vidal Pedroso de Faria  
Esalq/USP





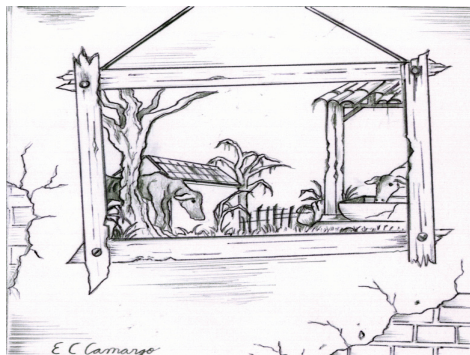
# Sumário

Apresentação .....	7
Prefácio .....	11
Como um retrato na parede .....	15
Suco de maracujá.....	18
Não seja chato .....	21
Renascimento.....	24
Saia do seu mundo .....	27
O elo .....	30
Os postes não andam! .....	33
A poeira começa a baixar.....	36
A ponta do novelo.....	39
O início do trabalho .....	43
Passaporte para o futuro .....	47
Primeiros passos .....	50
Cerne ou casca? .....	53
Revolução silenciosa.....	56
Susto na família .....	59
Recuperando o entusiasmo .....	62

Travessia do Araguaia .....	65
Lotação alta, êxodo rural baixo .....	68
Mudas na bandeja .....	72
Piquetes da fecilidade .....	76
MSP .....	79
A sinfonia do leite .....	82
Sombra e água fresca .....	85
Cigarras ou formigas?.....	89
Pasto perto, canavial longe .....	93
Dividir para crescer.....	96
Planejamento da propriedade .....	99
Sonhos na boleia .....	103
Enfim, uma vida melhor! .....	107
Comitiva esperança.....	110

## Como um retrato na parede

O mugido das vacas leiteiras chamando suas crias inaugurava um novo dia no Sítio Esperança, uma pequena propriedade rural, com seus cinco hectares, incrustada no meio de um vale, onde, com muita dificuldade e privações, vivia um punhado de pessoas corajosas e obstinadas.



A família, chefiada por seu Antônio, tinha na figura da esposa, dona Aurora, o apoio necessário para a luta travada diariamente. Nos rostos das filhas, Clara e Cândida, e do caçula, Joãozinho, o desejo estampado de um futuro melhor.

O cenário era ao mesmo tempo belo e triste. O ar puro do início da manhã e a paisagem magnífica do pôr-do-sol entre as montanhas eram responsáveis pelos breves momentos de felicidade. Passados estes instantes de contemplação, o retorno à realidade era angustiante e os preocupava. O temor quanto ao futuro roubava-lhes, a conta-gotas, a maior riqueza que um ser humano pode possuir: a esperança.

Seu Antônio e dona Aurora trabalhavam incansavelmente da hora em que acordavam, por volta das quatro e meia da madrugada, até o momento de deitar a cabeça no travesseiro. As duas meninas iam à escola no período da manhã e, no restante do dia, estavam sempre dispostas a ajudar no que fosse preciso. A feição geralmente triste das meninas não era pelo cansaço provocado pela lida no sítio, mas pela desconfiança do que o destino lhes reservava. O menino, com o nariz escorrendo, brincava inocentemente no terreiro, por quase todo o dia.

Seu Antônio fazia de tudo para não deixar transparecer suas preocupações. Como um comandante, não podia deixar que a tropa percebesse que o líder entregara a guerra. Sabia, no entanto, que já perdera batalhas importantes. Para quitar dívidas fora obrigado a vender perto de 10 hectares da propriedade herdada de seu pai. O dinheiro obtido acabara e ele estava vendo a hora em que teria de vender o restante da terra e ir embora para o meio urbano. “Fazer o que na cidade?”, perguntava angustiado a si próprio. Seus olhos se enchiam de lágrimas quando esses pensamentos o tomavam. Para que não percebessem, tratava rapidamente de enxugá-las.

O sítio não era plano, mas dava para trabalhar em toda sua extensão. A terra, exaurida por anos e anos de exploração, no sentido literal da palavra, dava sinais de cansaço, apresentando baixa produtividade, sulcos de erosão e invasão por toda sorte de plantas sem valor econômico, inclusive, por indicadoras de que a acidez do solo era considerável, como a samambaia e o sapé. Os pastos rapados suplicavam por ajuda. Sauveiros e cupinzeiros multiplicavam-se por toda parte. As cercas, se desmanchando, acentuavam o cenário de decadência e abandono. O córrego que contornava o fundo da propriedade, a cada ano, ficava menos caudaloso, em razão do assoreamento contínuo. As árvores iam morrendo, uma a uma, em silêncio, sem que houvesse reposição. O lixo encontrado por toda a propriedade demonstrava que o fim era só uma questão de tempo. Eram restos mortais de implementos agrícolas de outrora, latas enferrujadas, pedaços de plástico preto a lembrar de silos feitos no passado, arames farpados que pareciam brotar do chão, tamanha era a quantidade, e tocos, troncos e galhos de árvores, mostrando que ali já houvera uma vegetação exuberante.

O touro, as sete vacas, as duas bezerras e um bezerro se mantinham em pé por pura teimosia. O barulho provocado pela ordenha dos 15 litros de leite por dia, extraídos das três vacas em lactação amontoadas num pequeno espaço, somado ao ruído de baldes, jatos de leite e mugidos das crias, mais pareciam lamentos. O telhado do curral, empenado, ameaçando ruir, além de ser um perigo constante, completava a decadente imagem do curral.

A casa onde moravam era pequena, não tinha o conforto de um forro, nem de um sofá, tampouco de uma máquina de lavar. A geladeira, a televisão e os móveis estavam tão velhos quanto os

## *Sítio Esperança*

retratos dos antepassados na parede da sala. Nos dois quartos, de tamanho reduzido, os sonhos se transformavam no alimento essencial, para que no dia seguinte levantassem com disposição para um novo dia.

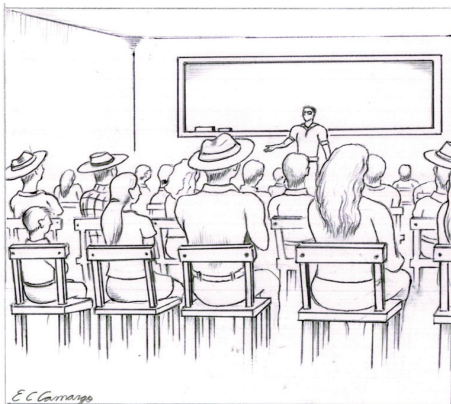
As roupas que usavam estavam surradas pelo tempo. O dinheiro que ganhavam com a venda do leite e os “bicos” que seu Antônio fazia nas propriedades vizinhas mal dava para a compra de alimentos, que dirá vestimentas. O problema é que, ultimamente, algumas restrições quanto à quantidade de comida precisaram ser tomadas. Repetir o prato era um luxo cada vez mais raro, e isso machucava os pais. Dia a dia, seu Antônio e dona Aurora percebiam que a situação financeira se deteriorava e que seria preciso vender mais uma vaca para pagar as despesas do cotidiano. Do jeito que as coisas estavam caminhando, chegaria o dia em que teriam que vender todo o rebanho, e até mesmo a propriedade, para tentar a sorte na cidade. “Mas o que fariam por lá?”, perguntavam entre si marido e esposa: “Deixar o lugar onde nascemos e crescemos. O que será da nossa família? Onde vamos morar? Como iremos ganhar dinheiro para dar o que comer aos nossos filhos? Só sabemos trabalhar na roça! E a violência na cidade grande? E a saudade do cheiro da terra molhada pela chuva?” Choravam por dentro, angustiados pelo silêncio da falta de respostas, lhes restando apenas recostar suas cabeças nos travesseiros e tentar sonhar com uma vida melhor, para, nos dias e nas semanas seguintes, trabalhar, trabalhar e trabalhar...

Um dia, porém, o amanhecer foi diferente. Parece que existia uma sensação nova no ar e um fato acabou mudando, para sempre, suas vidas...

## Suco de maracujá

O Zé do Nena apontou no horizonte. Eram seis horas da manhã. Até aí, nada de diferente, se não fosse a “novidade” trazida pelo leiteiro que caiu feito bomba:

- A partir do próximo mês, não vou poder mais levar leite no latão (tarro, no sul do Brasil). Você vai precisar comprar um tanque de resfriamento ou levar seu leite até um tanque comunitário.



Seu Antônio ficou paralisado, sem reação alguma, não conseguiu falar nada. Quando o caminhão surrado do leiteiro sumiu no horizonte, levando os 14 litros de leite (um ficou para o consumo da família), é que ele começou a se dar conta do problema. Ficara tão transtornado com a notícia, que nem percebeu que o Zé do Nena tinha deixado um papel. Era um convite para uma reunião no salão paroquial do bairro rural, onde haveria uma palestra depois de amanhã, sobre o futuro da produção leiteira.

Entrou em casa ainda atordoado e contou para sua esposa a “novidade”, que mais soava como uma sentença de morte. Ela procurou acalmá-lo e disse-lhe que seria melhor ir a tal reunião e saber mais detalhes, para tentar se inteirar sobre o assunto. Foram 48 horas de agonia e apreensão. Ele achava que agora o destino estava selado, que desta vez não haveria saída.

Na tarde da palestra, ele e toda a família se arrumaram e foram ao local marcado. Fizeram a inscrição e ocuparam as cadeiras do fundo da sala. Só não estavam mais envergonhados porque a reunião

## *Sítio Esperança*

iria acontecer no salão paroquial. Muitas famílias da localidade tinham histórias semelhantes de vida, com as mesmas aflições e preocupações.

O local foi enchendo de gente, até que os organizadores deram início ao evento. Após a apresentação do palestrante, seu Antônio, de tão ansioso, não se conteve. Levantou a mão, pediu a palavra e despejou um caminhão de amarguras, ressentimentos e desesperanças sobre o convidado. Disse que estava cansado, que não acreditava em mais nada, que no meio rural nenhuma atividade dava dinheiro que possibilitasse, ao menos, sobreviver com dignidade no sítio, que a situação da maioria dos presentes ali era a mesma que a dele, e que, além de tudo, teriam de instalar o tal tanque se quisessem continuar tirando leite. Ao final do desabafo, desafiou o palestrante a apresentar uma solução para o seu caso, porque, senão, ele iria embora da reunião. Concluiu, dizendo que o fim de todos seria vender suas vacas, suas propriedades e tentar a vida na cidade.

O palestrante ouviu, atenta e respeitosamente, os comentários do seu Antônio e, após os aplausos entusiasmados da plateia, demonstrando que aquela não era uma situação exclusiva dele, iniciou seu raciocínio. Perguntou primeiramente o nome dele e, em seguida, quis saber o que ele buscava na vida. Qual é seu objetivo? O que ele viera fazer neste mundo? Seu Antônio, meio sem entender a pergunta, indagou:

- Como assim?

O palestrante explicou que todas as pessoas só buscam uma única coisa na vida: a felicidade. Continuou, dizendo que se ele ficasse feliz em vender suas vacas, sua propriedade e, depois, se mudar para a cidade, nada teria a comentar, nem tentaria demovê-lo de sua intenção, apenas iria desejar que tivesse boa sorte. Mas se a resposta fosse negativa, como evidentemente foi, o problema, agora, passaria a ser dele também, e, assim sendo, deveria ajudá-lo a encontrar alguma solução. Seu Antônio, mais calmo, disse que agradecia muito o interesse do visitante em querer auxiliá-lo, mas que seria inútil, pois sua propriedade era muito pequena, apenas cinco hectares, e não haveria atividade agropecuária que lhe permitisse ter uma vida decente. Muitos dos presentes concordaram, balançando a cabeça afirmativamente, considerando



que a propriedade era realmente muito pequena e que não lhe restava outra opção, a não ser tentar a vida no meio urbano.

O palestrante concordou em parte com o seu Antônio, principalmente quanto ao fato de a área ser pequena, mas discordou de que fosse impossível conseguir uma boa qualidade de vida, e comentou:

- Ficar rico numa terra com essas dimensões, ninguém irá ficar, mas ter uma boa renda, que permita cuidar com decência de sua família, isso são outros quinhentos. O conceito de riqueza é muito relativo. Rico de quê? De dinheiro, de saúde, de amigos?

Aproveitou a ocasião para escrever no quadro-negro a fórmula para ficar rico, despertando a atenção de todos: 1% de inspiração e 99% de transpiração, ou seja, é preciso “suar muito a camisa” para atingir o sucesso. Seu Antônio sorriu num momento de descontração, mas duvidou, querendo, no íntimo, que fosse verdade, pois transpirar é o que ele mais fazia.

A seguir, surpreendentemente, foi cumprimentado pelo palestrante, por dele ter duvidado.

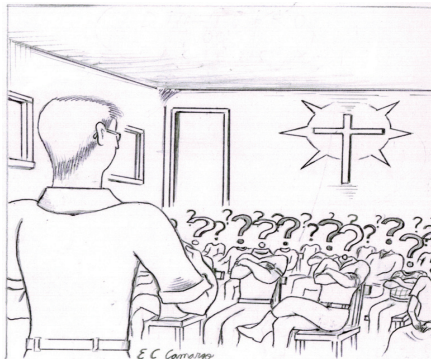
- A primeira atitude de qualquer pessoa que quiser ter sucesso, em qualquer ramo de atividade econômica no Brasil, é duvidar de tudo, não acreditar cegamente em nada que leia, que ouça, ou que assista na televisão, ou seja, ter o espírito crítico - sentenciou o visitante.

- O senhor, bem como os demais, deve, a partir deste momento, acreditar apenas em si mesmo, disse o palestrante, conclamando a plateia a duvidar de tudo o que fosse falado ao longo daquela tarde.

Ansioso, seu Antônio perguntou qual seria “o caminho das pedras” e ouviu do palestrante a recomendação que tivesse calma e tomasse muito suco de maracujá (dizem que acalma). Sua esposa, dona Aurora, concordou com o palestrante, tratou de aquietar seu marido, mas também queria saber como é que eles fariam para “sair do buraco”, sendo tão pequenos e não tendo capital...

## Não seja chato

Após aquele momento de desabafo e já mais calmo, seu Antônio e os outros produtores queriam saber qual seria a solução para uma propriedade tão pequena e sem dinheiro. A única fonte de renda garantida era obtida com a venda de 14 litros de leite diariamente para o laticínio.



O visitante disse que a primeira atitude a tomar seria duvidar de tudo o que lessem em jornais e revistas, ouvissem no rádio ou em conversas e palestras, ou ainda, assistissem na televisão. A partir daí, constatada a afinidade do produtor com a atividade que deseja executar, seja ela qual for, o primeiro passo será acreditar em si mesmo, ter vontade de mudar os rumos de sua vida e tomar o destino em suas mãos, crendo no conhecimento aplicado corretamente e na força do trabalho. Independentemente do tamanho da propriedade, da quantidade de animais no rebanho, da estrutura existente no sítio e da disponibilidade de recursos, a atividade leiteira poderá trazer muitas alegrias no futuro, se bem conduzida. Completou, comentando que eles estavam muito enganados quanto ao objetivo da vinda dele naquele bairro.

Ele não havia viajado até lá para falar bem da produção de leite e isso não era importante. A plateia ficou atônita e com cara de interrogação. Explicou, informando, que viera se reunir com eles para falar que era necessário que suas propriedades ganhassem dinheiro, independentemente da atividade exercida, porque, senão, o fim de todas já estaria traçado, ou seja, seriam vendidas. Afirmou que, se ao final da reunião houvesse um consenso, fundamentado

em evidências, sobre a incapacidade da atividade leiteira em gerar renda e todos decidissem vender seus rebanhos no dia seguinte, passando a se dedicar ao plantio de cana-de-açúcar, soja, milho, algodão, arroz, feijão, café, laranja, eucalipto ou palmito-pupunha, ou ainda, à criação de gado de corte, suínos, aves, rã-touro gigante, camarão da Malásia ou javaporco, desde que a atividade escolhida lhes trouxesse renda, estaria satisfeito com o resultado do evento. Ao menos os teria auxiliado a tomar uma decisão, no sentido de tornar rentáveis suas propriedades.

Mais à vontade, seu Antônio disse que ele falasse logo como é que faria para ganhar dinheiro, pois estava com pressa.

- Pressa de quê? Perguntou o palestrante. De ir embora para casa? De resolver seus problemas? De aplicar as orientações que serão dadas?"

Seu Antônio respondeu que a pressa era de tudo isso junto, ouvindo como resposta outra pergunta:

- Há quanto tempo o senhor tira leite?

- Ih, meu filho! Há mais de 40 anos, desde quando era meninote e ajudava meu pai a pear as "curradeiras" - falou seu Antônio, com um tom de saudade de tempos menos bicudos.

- Quanto à pressa de ir embora para casa, sinta-se à vontade, pois se o senhor acha que o fato de apartar os bezerros é mais importante que essa reunião, infelizmente não posso fazer nada, apenas lhe desejar boa sorte e que Deus tenha compaixão do senhor. Quanto à pressa de resolver seus problemas e sair aplicando o que será dito aqui na reunião sinto decepção, mas o senhor não vai solucionar os seus problemas, que vêm se acumulando por 40 anos, num passe de mágica, em menos de quatro horas de reunião. Será preciso ter muita paciência, dedicação, trabalho árduo e conhecimento para tornar sua propriedade rentável. Resultados significativos do ponto de vista zootécnico e econômico não deverão ocorrer num prazo inferior a 12 meses. O caminho vai ser longo e penoso, mas vai compensar - comentou o palestrante, completando:

## *Sítio Esperança*

- Na vida, além de conhecimento, a pessoa precisa ter dinheiro ou ter paciência. O bom é ter os dois, mas se não houver dinheiro, será preciso no mínimo ter muita paciência.

Um engraçadinho, sentado no outro lado do salão, quis saber o que acontece se a pessoa não tiver nenhuma das duas coisas. O palestrante respondeu que, para esse sujeito, a vida será um martírio, porque ele não conseguirá fazer nada por não ter recursos e não terá paciência para esperar que as coisas aconteçam naturalmente, como é o caso, por exemplo, do aumento do rebanho. Ou você tem dinheiro para comprar mais vacas, novilhas ou bezerras, ou então espera que a reprodução dos animais promova o incremento no rebanho. A pessoa sem dinheiro e sem paciência se torna chata, e o mundo não tolera os chatos.

Seu Antônio, meio sem-graça, respondeu, dizendo que tinha tirado a tarde para ficar na reunião e que a pressa era só jeito de falar; na verdade, era ansiedade pura. Aproveitou ainda e ratificou sua postura:

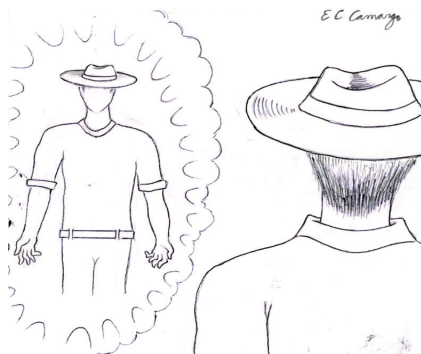
- Você pediu para duvidar de você e já estou duvidando, e daí?

- Quando me referi ao fato de duvidar, não é no sentido de se tornar uma pessoa desagradável e sair por aí simplesmente desqualificando tudo o que foi escrito, foi dito ou foi mostrado na televisão por outras pessoas. É ter uma atitude no sentido de pensar: será que é verdade? Preciso conferir! Esta postura ativa diante dos fatos fará com que vocês não sejam mais enganados por ninguém, inclusive por mim - acrescentou o palestrante, perguntando de imediato: - o primeiro passo está compreendido?

Como a resposta dos presentes foi afirmativa, ou seja, a partir daquele instante todos iriam questionar tudo o que fosse falado pelo visitante, procurando saber onde poderiam ver tais coisas acontecendo, ele anunciou o segundo passo para tornar as propriedades leiteiras viáveis economicamente, independentemente da situação de cada uma delas...

## Renascimento

Compreendido o posicionamento de questionadores que cada pessoa deve ter em relação a qualquer assunto veiculado na mídia, ouvido em palestras ou em conversas com amigos, será preciso, ainda, que vocês tenham consciência de duas atitudes fundamentais a serem exercidas sempre - afirmou o palestrante. - A primeira é perguntar ao vendedor, seja de um produto, de um equipamento ou de uma ideia, qual ou quais são as desvantagens daquilo que ele está vendendo. Se a resposta for: “nenhuma”, você estará autorizado a se retirar do local imediatamente - sentenciou o homem que comandava a reunião.



Completando, ele disse ainda:

- Nada é tão bom que não tenha, ao menos, um ponto negativo, nem que seja o preço do produto, podendo o vendedor contra-argumentar, dizendo que compensa utilizá-lo. Responda a ele que essa será a etapa seguinte do processo de aquisição: o balanço entre o custo e o benefício. A segunda pergunta é solicitar uma relação de pessoas que estejam utilizando o produto ou a tecnologia proposta para que você possa visitá-los e, então, depois de conversar com os produtores e de acordo com sua avaliação, tomar a decisão de adquirir ou não o produto ou aplicar ou não a ideia.

Seu Antônio estava gostando do que ouvia, pois parecia coerente, mas continuava aflito para resolver seu problema: como obter renda que possibilitasse uma vida digna para sua família numa propriedade de apenas cinco hectares.

## *Sítio Esperança*

- O segundo passo é fundamental. Parece simples de ser dado, mas muitas vezes é de difícil execução: “acreditar em si mesmo” - comentou o visitante, olhando para seu Antônio, como se a questão fosse dirigida somente a ele.

Seu Antônio ficou sem saber o que responder. Se dissesse que acreditava em si mesmo, por que, então, estaria com tantas aflições e preocupações? Se respondesse negativamente, estaria confirmando a tese do visitante quanto à dificuldade das pessoas em confiarem em si mesmas. O palestrante se apressou em salvá-lo da agonia estampada em seu rosto, dizendo que não havia necessidade dele responder a esta questão, e que ela é válida para todo ser humano e em qualquer ramo de atividade.

Explicou que a razão de muitos produtores, principalmente os que produzem pouco volume de leite, apresentarem essa tendência ao descrédito em si próprios se deve ao fato de como a atividade leiteira é vista pela sociedade. A imagem de uma luta sem fim, de um produtor de leite maltrapilho trabalhando de “sol a sol”, recebendo da vida muito pouco pela sua abnegação, numa quase escravidão, é muito forte no Brasil. Isso traz como consequências para o produtor: baixa autoestima; atitude de submissão à condição imposta pela vida; sensação de incapacidade em alterar o destino; amargura quanto ao futuro e, o que é mais triste, vergonha de dizer ao mundo que é produtor de leite. A própria mídia, na maioria de suas reportagens, trata os produtores de leite como uma legião de pobres coitados.

- Ninguém irá respeitá-los se vocês mesmos não se respeitarem, se não acreditarem em si próprios - afirmou o visitante.

Para exemplificar, contou o caso de um produtor que, em vez de contratar o técnico que prestava assistência na propriedade vizinha à dele (menor em área, é bom que se diga), preferia copiar passo a passo tudo o que era feito, espiando pela cerca. O fato de os pastos serem diferentes, de existir distinção na fertilidade do solo, pelo histórico das adubações, bem como na quantidade de animais e qualidade do rebanho, de haver diferenças na condição financeira e, principalmente, na individualidade dos sonhos e dos desejos de cada produtor, eram meros detalhes para ele. Certo dia, como as duas propriedades estavam próximas ao perímetro urbano, algum infeliz ateou fogo na macega à beira da cerca, que acabou passando

para os piquetes na propriedade assistida, queimando vários deles. O produtor que a tudo espiava e copiava, apesar de achar estranho, não confiou em sua crença quanto aos malefícios do fogo e não teve dúvidas, ateou fogo em seus piquetes, achando que fazia parte do pacote tecnológico.

Um dos presentes na reunião se divertiu com a história, mas não acreditou. O visitante, abrindo um largo sorriso de contentamento pelo fato de o produtor estar duvidando dele (aplicação do primeiro passo para se tornar um produtor profissional), pegou sua agenda e escreveu no quadro-negro as informações referentes a tal propriedade.

O visitante, então, contou outro caso, acontecido numa reunião ocorrida tempos atrás no município de Estrela (RS), quando ficou emocionado ao ouvir o relato espontâneo do Sr. Vilson Joaquim, produtor de leite no município de Carlos Barbosa (RS). Num momento do encontro, em que os produtores usavam o microfone para dar o testemunho do trabalho que era realizado em parceria com o técnico local em suas propriedades, narrou sua trajetória de empregado a patrão, sua luta para conseguir um pequeno patrimônio, tudo com o dinheiro do leite. Arrematou, falando que tinha “orgulho de ser produtor de leite.”

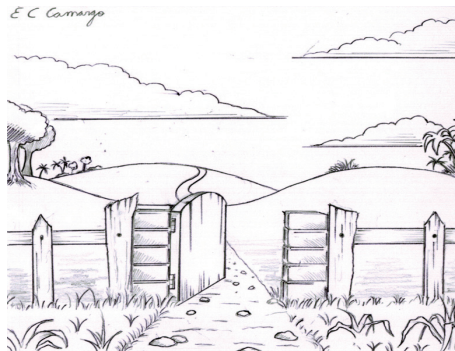
O palestrante repetiu a pergunta, agora direcionada ao seu Antônio:

- O senhor acredita em si mesmo?

Ele respirou fundo e balançou a cabeça afirmativamente. Não conseguiu emitir nenhum som, tamanha a emoção. Talvez desconhecesse o motivo daquele sentimento, mas o palestrante tinha consciência de que outra pessoa estava nascendo.

## Saia do seu mundo

A reunião continuava, e o palestrante, até o momento, estava satisfeito com os resultados. As pessoas tinham compreendido as duas primeiras etapas do processo para tornar viável a produção de leite em suas propriedades: questionar tudo e acreditar em si mesmas.



- O terceiro passo a ser dado pelos produtores é verificar, com os próprios olhos, se o que está sendo falado é verdade, ou seja, visitar outras propriedades com características (perfis) semelhantes - continuou o visitante. - De nada adiantará, por exemplo, seu Antônio e a maioria dos outros produtores aqui presentes visitarem uma grande propriedade leiteira. São mundos completamente diferentes. O resultado de uma visita mal planejada, via de regra, acaba sendo a frustração e o desânimo, ou, o que é mais grave, a instalação de um quadro depressivo no visitante. A intenção de qualquer organizador de excursões técnicas é, sem dúvida, a melhor possível, mas sua falta de bom senso poderá transformar a iniciativa em um desastre de grandes proporções.

O palestrante disse que a visita é um instrumento imprescindível no processo de motivação e recuperação do entusiasmo do produtor, ficando sob responsabilidade do organizador da viagem a escolha dos locais adequados para que os resultados desejados sejam alcançados. Contou o caso de produtores recém-assentados, que achavam ter sido muito pequena a gleba que passaram a ter direito a explorar. Muitos disseram que nos 15 hectares não daria para gerar renda para sustentar suas famílias. A discussão, a partir



do dia seguinte à fixação dos assentados, foi entre os que achavam que a área era insuficiente e os que tinham certeza disso. O técnico que os assistia teve a ideia de organizar uma viagem técnica e selecionou como destino o Sítio Boa Vista, no município de Valença (RJ), pertencente ao Sr. Fábio Jorge de Almeida Machado. Entrou em contato com os técnicos José Rogério Moura de Almeida Neto, da Faculdade de Medicina Veterinária de Valença (RJ), Marcelo Afonso da Graça Cândido, da Prefeitura Municipal de Valença (RJ), Carlison Costa de Souza e Maurício Cesar Gomes de Salles, ambos da Federação da Agricultura, Pecuária e Pesca do Estado do Rio de Janeiro (Faerj) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Estado do Rio de Janeiro (Senar), que orientam o produtor, para agendar a visita.

A propriedade visitada possuía área total de 0,55 ha, ou seja, pouco mais de 10% do tamanho da propriedade de seu Antônio. A produção diária de leite na época da visita estava ao redor de 100 litros com toda a alimentação volumosa oferecida ao longo do ano sendo produzida na propriedade. O proprietário contou a história do Sítio Boa Vista mostrando os resultados zootécnicos e econômicos já atingidos, além do objetivo que era ampliar a produção atual para algo próximo a 150 litros por dia. Os assentados fizeram as contas da futura produtividade da terra (quase cem mil litros de leite/ha/ano) e de qual seria a rentabilidade do negócio, considerando uma margem de lucro de apenas R\$ 0,20/litro de leite e se assustaram com o resultado: R\$ 20 mil ao ano por hectare. Na viagem de retorno para casa, o silêncio no ônibus foi total e ninguém mais duvidou do potencial de geração de renda de uma pequena propriedade leiteira.

O palestrante comentou também que um grande escritor chamado Mark Twain, disse certa vez que: “viagem cura ignorância”. Ele, evidentemente, não quis ofender ninguém, apenas constatava uma verdade. Viajar significa sair de seu “mundo”. No caso do produtor de leite, ultrapassar os limites de sua propriedade. O verbo curar foi usado no sentido de revelação, de descoberta, e a palavra ignorância significava falta de conhecimento. Assim, a mesma frase poderia ser escrita da outra forma: “Visitar outras propriedades leiteiras nos permite descobrir novas maneiras de produzir leite que, até então, desconhecíamos.” Frase correta, mas sem impacto.

## *Sítio Esperança*

Os produtores presentes na reunião perguntaram ao palestrante o endereço de outras propriedades que pudessem visitar e que tivessem: solo pobre em fertilidade, relevo acidentado, gado comum, fossem desprovidas de máquinas e equipamentos e de recursos para investimentos, dispusessem somente de mão-de-obra familiar, fossem localizadas em regiões mais frias ou em regiões mais quentes, estivessem endividadas, e assim por diante. O visitante escreveu no quadro-negro os telefones de contato de técnicos que assistiam essas propriedades e que contemplavam todas as situações desejadas e disse esperar, sinceramente, que os presentes na reunião não acreditassem no que ele havia dito até aquele momento, que confiassem no potencial de suas propriedades e neles mesmos, utilizassem aquelas informações e fossem verificar com os próprios olhos se o que fora falado era verdade ou não.

Seu Antônio e dona Aurora estampavam no rosto a emoção do reencontro com a vida. Quando o palestrante falou da propriedade de Valença (RJ), eles, com seus cinco hectares, sentiram que tinham uma grande propriedade, afinal, era quase dez vezes maior em tamanho que o sítio do “Fabinho”, como é conhecido no município fluminense. Apenas a possibilidade de aquelas informações serem verdadeiras os encheu de esperança.

O palestrante, percebendo o estado de ansiedade e euforia de vários dos produtores e produtoras presentes na reunião, tratou logo de jogar um pouco de “água fria na fervura”. Explicou que ainda existia um quarto e decisivo passo a ser dado para que suas propriedades tivessem o mesmo êxito que o das propriedades citadas e que, sem ele, praticamente a totalidade dos produtores ali presentes não teria sucesso. As pessoas ficaram olhando para ele, querendo saber qual seria este passo. Neste momento, seu Antônio comentou com dona Aurora:

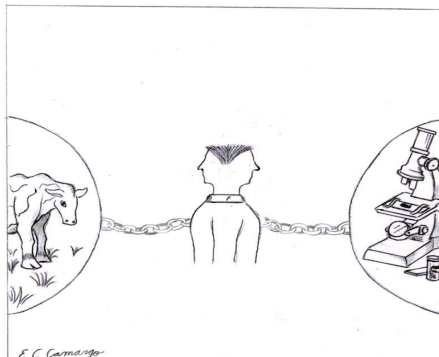
- Estava muito bom para ser verdade! Seu Antônio levantou a mão, interrompendo o visitante, e perguntou: - Qual é este quarto passo?

O palestrante deixou o giz sobre a mesa, pegou a garrafa d’água, encheu o copo, bebeu e...

## 06

### O elo

Após limpar a garganta com um gole d'água, o palestrante falou para os produtores presentes na reunião que o quarto passo do trabalho para transformar pequenas áreas em glebas viáveis, tanto do ponto de vista zootécnico, quanto do econômico, talvez fosse o mais difícil de executar, pois envolveria outra pessoa: um bom técnico que trabalhasse na extensão rural.



Comentou com os participantes que são muitas as tentativas de motivar os produtores com palestras realizadas por todo o Brasil. De maneira geral, todos estes encontros têm logrado êxito, mostrando técnicas de produção que aumentam a produtividade, mas o resultado prático para o produtor, invariavelmente, é efêmero, dura pouco, porque, sem a assistência de um técnico capacitado, os produtores, com o passar do tempo, voltam a fazer o que aprenderam com seus pais e avós, numa espécie de “atavismo zootécnico”. Isto é explicado pelo fato de os produtores não terem, e nem é obrigação deles que tenham, os conceitos sobre todos os aspectos relacionados a uma atividade leiteira intensiva, eficiente, rentável e sustentável sob o aspecto ambiental. São conceitos gerenciais, econômicos, agrônômicos, zootécnicos, veterinários, ambientais, sociológicos e, até mesmo, psicológicos. Assim, aquela iniciativa de realizar uma palestra, como a que estavam participando naquele momento, teria, em médio e em longo prazos, efeito nulo ou, o que é ainda pior, negativo. As pessoas tentariam aplicar, a seu modo, as orientações e os exemplos citados e observados nas visitas e acabariam incorrendo em erros que não saberiam explicar. Se

## *Sítio Esperança*

estes produtores forem líderes locais, a implantação frustrada da incorporação de inovações tecnológicas poderá se transformar num impedimento para o desenvolvimento da atividade. Um exemplo clássico foi o uso do pastejo rotacionado. Muitos produtores, após assistirem palestras sobre o assunto, em vez de procurarem auxílio de um técnico, passaram a dividir suas áreas de qualquer forma, muitas vezes com piquetes de tamanhos diferentes, envolvendo vários tipos de gramíneas e com adubações copiadas dos vizinhos. O resultado: frustrações e desânimos. Hoje, estes produtores são uma trincheira de resistência a esta técnica, que é indispensável numa exploração intensiva no sistema de leite a pasto.

Um dos produtores presentes na reunião, seu José, levantou a mão e questionou o palestrante:

- Aqui no nosso município não tem nenhum bom técnico que entenda deste assunto e que possa nos auxiliar.

Após ter contado com a concordância de todos os produtores em relação à sua afirmação, continuou:

- Se eu quiser ter a assistência de um bom técnico, terei que contratá-lo, e não tenho dinheiro para pagar.

O visitante ouviu as ponderações de seu José e disse que eles poderiam formar um grupo de produtores e contratar esta pessoa. Foi interrompido por ele, que sentenciou:

- Ninguém vai se interessar em prestar assistência a um grupo de produtores que tira 10, 20 ou 40 litros de leite por dia.

- Por quê? - perguntou o palestrante.

- Ora - respondeu. - Porque somos pequenos e pobres, e nenhum profissional que conheça este assunto vai se interessar pelos nossos problemas.

O palestrante respondeu ao seu José e a todos os outros que este sentimento de autopiedade não iria levá-los a lugar algum. Apenas irá roubar-lhes o pouco de vontade que ainda lhes resta, e perguntou:

- Se isso fosse verdade, o que eu estou fazendo aqui? Se eu não acreditasse em vocês, não estaria aqui! Não generalizem. Há técnicos e técnicos. O que vocês vão precisar fazer, e este será um grande desafio, é encontrar quem queira auxiliá-los e aceite ser parceiro nesta empreitada.

Nisso um jovem levantou a mão e pediu a palavra:

- Eu posso ajudá-los, se eles quiserem.

O palestrante perguntou quem ele era.

- Sou Jair, técnico da instituição oficial de extensão rural, e moro aqui no município - respondeu o jovem.

O Sr. José, interrompendo-o, afirmou que ele não servia, porque não entendia de gado leiteiro e muito menos desses piquetes. O técnico respondeu que, de fato, nunca tinha lidado com pecuária leiteira, nem com os tais piquetes, mas que tinha vontade de aprender e disposição em repassar o conhecimento adquirido aos produtores que o procurassem. Contou que estava no município havia mais de um ano e que quase ninguém o procurara neste período.

O palestrante ficou satisfeito com o depoimento do Jair e disse para as pessoas que eles tinham muita sorte de ter entre eles um técnico com esse grau de autocrítica, humildade e com disposição para aprender e ensinar. Este é o conceito que ele tinha de um bom técnico. O visitante convidou o técnico a participar de um curso de treinamento que utiliza uma propriedade, de preferência pequena, como “sala de aula prática”, com duração mínima de quatro anos, em que os conceitos básicos sobre a atividade leiteira seriam repassados para ele. Jair disse que tinha muita vontade de ser a ligação, o elo entre os produtores e o palestrante.

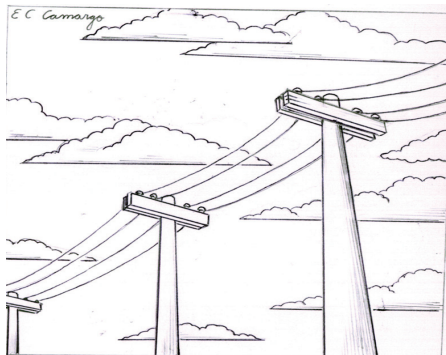
Olhando para seu Antônio e dona Aurora, perguntou:

- Vocês me aceitam?

## ***Os postes não andam!***

Seu Antônio e dona Aurora ficaram quase sem ação quando Jair, técnico da instituição oficial de extensão rural, se ofereceu para assisti-los. Não por ser o Jair, mas sim, por eles. Temiam que sua propriedade fosse transformada em um laboratório. O palestrante, diante da dúvida, se apressou em explicar que não seria feita nenhuma experiência na propriedade deles, mas que ela

seria utilizada como “sala de aula prática” para repassar ao Jair o conhecimento existente sobre a atividade leiteira armazenado no cérebro de todas as pessoas envolvidas: os proprietários, o Jair, o palestrante e todos aqueles que participarem desta empreitada.



- Uma troca - resumiu, com sabedoria, dona Aurora.

Mesmo assim, os donos do Sítio Esperança não deram o sinal verde para o trabalho. O condutor da palestra perguntou o porquê do temor. Com muita vergonha estampada no semblante, seu Antônio disse que não poderia participar do trabalho, pois sua propriedade seria uma péssima “sala de aula prática” por não dispor de recursos para investimentos. O palestrante, com muita paciência e calma, explicou que, para crescer na vida, as pessoas não precisam de dinheiro e, sim, de vontade de trabalhar. Questionou-os quanto a este requisito e obteve como resposta, além das mãos espalmadas de ambos, mostrando as marcas deixadas pela labuta diária, o comentário de dona Aurora de que a lida na roça nunca os amedrontara e que se o requisito principal para ingressar nesta empreitada era este, eles aceitavam.

Neste momento, um produtor postado lá na frente levantou a mão solicitando a palavra. Apresentou-se como Dr. Luiz, disse ter uma grande propriedade leiteira no município e que estava se sentindo meio deslocado na reunião, pois, até então, o que ouvira era exclusivamente voltado à pequena propriedade familiar.

O palestrante ouviu e ponderou os comentários do Dr. Luiz, explicando:

- Meu senhor, a preocupação, nessa reunião, sem dúvida alguma, é tentar dar uma luz a estes vários pequenos proprietários que têm, hoje, sua sobrevivência ameaçada. Por causa do baixo volume de leite produzido, seus rendimentos são reduzidos e as condições de investimento são nulas. O senhor percebeu que o desânimo e a desconfiança estampados nos rostos destes produtores no início da reunião estão, pouco a pouco, cedendo espaço para a dúvida sadia e para a esperança: “Será que é possível ganhar dinheiro e ter uma vida digna no meu pequeno sítio?” Se conseguirmos fazer com que isto se torne realidade, qualquer propriedade maior, como a do senhor, também poderá ter sucesso, desde que a mesma metodologia de trabalho seja seguida. Afinal de contas, o senhor tem um rebanho maior, tem máquinas e equipamentos, tem edificações e, fundamentalmente, tem dinheiro para investir. Mesmo que não tivesse nada disso, o simples fato de ter mais terra lhe permite que boa parte dela seja arrendada e gere renda, que poderá ser investida na área a ser intensificada.

Completando a reposta, contou o caso de dois produtores que estavam desenvolvendo o tal projeto que usa a propriedade como “sala de aula prática”: o Sr. Roberto Leonardo de Souza e sua esposa Sra. Ilda e o Sr. Geraldo Teotoni de Melo e sua esposa Sra. Iolanda, estando ambas as propriedades localizadas no município de Carmo do Cajuru (MG). Nos dois casos, a assistência técnica era prestada pelos técnicos Mozar Salviano Barreto, autônomo, e Walter Miguel Ribeiro, da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (FAEMG). O primeiro produtor possuía uma área total de quatro hectares, enquanto o segundo tinha 130 hectares a serem explorados somente pela atividade leiteira. O trabalho que estava sendo realizado em ambos era semelhante, no sentido de intensificar pequenas áreas, demonstrando o potencial gerador de renda destas propriedades, só que, no segundo caso, houve liberação de área (por causa da intensificação), permitindo o uso por outra atividade

## *Sítio Esperança*

agropecuária (gado de corte), gerando renda extra. Com isso, o trabalho na segunda propriedade teve uma velocidade maior em relação à primeira. - Compreendeu? - perguntou o palestrante.

O Sr. Luiz respondeu afirmativamente e sorriu satisfeito, afinal, aquilo que acabara de ouvir lhe servia perfeitamente. Para reforçar o conceito, o palestrante escreveu no quadro-negro os nomes e endereços de algumas grandes propriedades leiteiras que utilizam sistemas de produção semelhantes ao que estava sendo mencionado para as pequenas propriedades.

O visitante que conduzia a reunião concluiu que, se fosse demonstrada a viabilidade técnica, econômica e ambiental de uma pequena, mini, ou mesmo micro propriedade, todas as outras certamente também seriam viáveis, desde que os conceitos corretos fossem aplicados. O tipo de trabalho realizado não tem como prioridade o aumento rápido e expressivo da produção de leite nem a redução vertiginosa nos custos de produção, mas sim os resgates da autoestima, do entusiasmo, da dignidade e da esperança do produtor e de sua família num futuro muito melhor. Disse ainda que, independentemente da situação financeira e da capacidade de investimento, o produtor que resolver tomar o destino em suas mãos, arregaçar as mangas e encarar os problemas, mesmo que demore 5, 10 ou 20 anos para atingir seus objetivos, estará num ritmo mais acelerado quando comparado ao ritmo daqueles que ainda não encontraram o rumo. Finalizou, dizendo:

- Qualquer velocidade, por menor que seja, será maior do que ficar parado. Os postes não andam!

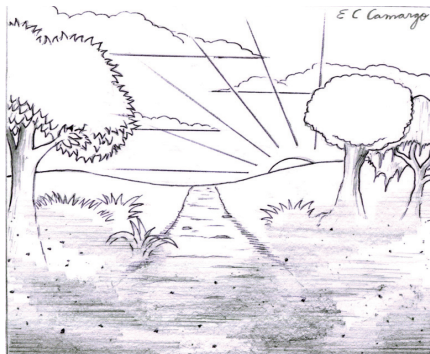




## *A poeira começa a baixar*

Após quatro horas e tanto, a reunião estava chegando ao fim. Poucos produtores haviam saído, revelando a ansiedade e a angústia daquela gente por soluções que pudessem dar um novo rumo às suas vidas. Seu Antônio fez ainda uma última pergunta:

- E a tal da coleta de leite a granel, no tanque de expansão? O que é que eu faço com meus 14 litros de leite?



O palestrante disse que não era especialista no assunto, mas apresentou algumas soluções, salientando que a sequência delas não seguia qualquer tipo de ordenação quanto à importância:

(1) Criar uma associação de produtores no bairro e adquirir um tanque de expansão comunitário. Existem dificuldades nesta proposta. O problema, neste caso específico, é obter qualidade no produto final, pois dependerá da consciência de cada um dos associados que utilizarem o tanque.

(2) Montar uma associação de produtores no bairro e solicitar ao comprador de leite que empreste um tanque de expansão em regime de comodato. A desvantagem desta solução está na vinculação obrigatória ao comprador.

(3) Adquirir individualmente um tanque de expansão. A dificuldade desta proposta está, obviamente, nos recursos para quem produz 14 litros de leite por dia.

## *Sítio Esperança*

(4) Solicitar empréstimo individual de um tanque de expansão ao comprador de leite, sendo o aspecto negativo semelhante ao descrito na segunda solução.

(5) Passar a levar o leite até o comprador, caso ele concorde.

(6) Buscar outro comprador de leite, caso haja

(7) Parar de tirar leite - a mais radical das propostas.

- O que devo fazer? Perguntou seu Antônio.

- Cada cabeça, sua sentença! - respondeu o palestrante. - As decisões que tomamos na vida não podem e não devem ser atribuídas aos outros. Cada peça do jogo tem sua função. A responsabilidade do técnico é orientar, mostrar os prós e os contras de cada solução proposta, enquanto a do produtor é decidir e, desta maneira, assumir as consequências de seus atos, colhendo frutos ou decepções.

- Não pode haver paternalismo por parte dos técnicos - concluiu o palestrante.

Dona Aurora interrompeu o marido e disse que o palestrante estava certo.

- Não vamos resolver todos os nossos problemas agora. Vamos para casa pensar sobre este e todos os outros assuntos discutidos na reunião. Vamos consultar o Jair e visitar algumas das propriedades mencionadas como exemplos para tomarmos a decisão mais acertada para o nosso caso - arrematou dona Aurora, de forma conclusiva, com toda a sensibilidade feminina e sabedoria adquirida em anos e anos de vida e trabalho duro no sítio.

Diante do comentário feito pela dona Aurora, o palestrante confessou aos presentes que tinha valido a pena se deslocar para aquele bairro “perdido no meio do mundo”. Que o tempo que passou conversando com aquelas pessoas tinha sido muito bem aproveitado e que se os outros produtores e técnicos presentes saíssem com o mesmo pensamento de dona Aurora, a reunião fora um sucesso.

O técnico Jair, que ajudara na organização do evento, estava entusiasmado com o resultado do encontro. Era muito mais do que esperava, mas sabia também da demanda que seria gerada a partir de então. Preocupado, foi conversar com o palestrante, que tratou de tranquilizá-lo, afirmando que ninguém nasce sabendo, mas o mais importante era o técnico ter consciência e autocritica daquilo que ele sabe, do que não sabe, do que era capaz de fazer e do que não era capaz de fazer. Jair perguntou para o visitante se aquele convite para participar do projeto de capacitação de técnicos e transferência de tecnologia que utiliza uma propriedade como “sala de aula prática”, onde os conceitos básicos sobre leite são passados gradualmente para os técnicos e produtores, estava realmente valendo. O palestrante respondeu afirmativamente. O técnico suspirou aliviado, pois tinha noção da responsabilidade que assumiria dali em diante. Muitas famílias dependeriam de sua atuação para manterem vivos os seus sonhos.

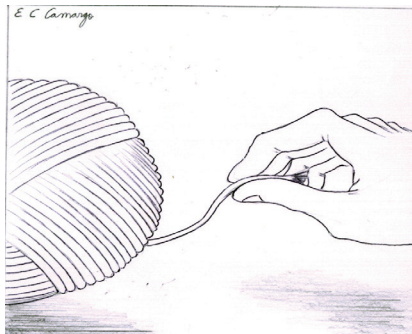
Após um lanche oferecido pelos organizadores, seu Antônio, dona Aurora, as filhas Clara e Cândida e o pequeno Joãozinho se despediram do palestrante, agradecendo pela atenção, boa vontade e paciência para com todos.

- Só de saber que alguém se preocupou em organizar uma reunião para tentar nos ajudar já nos conforta - disse seu Antônio. Isso mostra “prá” gente que não estamos sozinhos! Concluiu, apertando firmemente a mão do visitante.

Despediram-se, tomaram o rumo de casa e foram sumindo, pouco a pouco, caminhando lenta, mas decididamente, em meio à poeira levantada pelos veículos que deixavam o local, tendo o pôr-do-sol como pano de fundo. Não se importavam com o incômodo da poeira. Estavam felizes, carregando a certeza de que mudariam suas vidas. Não sabiam bem como seria, simplesmente, sabiam.

## A ponta do novelo

Uma hora de caminhada e lá estavam seu Antônio, dona Aurora, Clara, Cândida e Joãozinho chegando ao lar após participarem, ao longo de toda a tarde, de uma reunião sobre produção de leite no salão paroquial do bairro. A mistura de sentimentos confundia suas mentes. Tinham acabado de participar de um encontro que havia despertado neles a chama da esperança, mas o que viam ao redor era só desolação. O ranger agonizante da porteira de entrada do sítio e as vacas magras compunham o som e a visão daquele triste cenário.



Dona Aurora, mais que depressa, tratou de encorajar todos, começando a expor suas ideias, a fazer planos e a traçar metas, injetando ânimo no pessoal. Como uma verdadeira comandante, disse ao marido:

- Antônio, a primeira coisa que você precisa fazer amanhã é procurar o Jair para não deixar apagar este fogo. Se demormos, ele vai diminuindo, de pouquinho em pouquinho, a fogueira vai virar um braseiro e, por fim, só restarão cinzas.

Seu Antônio concordou, mas perguntou por que ele deveria procurá-lo. Dona Aurora ficou irritada com a pergunta do marido e quis saber se ele estivera dormindo durante a reunião. O marido respondeu que não perdera um minuto da reunião e que só estava fazendo esta pergunta porque o palestrante tinha falado tanto (“mais do que o homem da cobra”), que ele ficara um pouco atordoado. Dona Aurora compreendeu a angústia do marido e, então, com muita paciência,

explicou que devia procurar o técnico para que ele agendasse as visitas às propriedades sugeridas pelo palestrante. Seu Antônio levantou a sobrancelha e balançou a cabeça afirmativamente, num sinal que tinha captado a mensagem.

Antes de dormir, a filha mais velha, Clara, questionou o pai:

- Aquilo que ouvimos na reunião é verdade?

- O que minha filha? - respondeu seu Antônio, com outra pergunta.

- Nós vamos poder ter uma vida melhor? Vamos poder comer melhor, nos vestir melhor, viver melhor?

Seu Antônio engoliu em seco, ficou calado por alguns segundos e, então, respondeu com firmeza:

- Vamos sim, minha filha, eu prometo!

Clara sorriu candidamente, pois sabia que quando seu pai prometia, ele cumpria. Antes de desejar “boa noite” e receber a benção, disse a seu pai:

- Eu sei que não vai ser fácil, mas conte comigo, papai!

Seu Antônio, depois de ter abençoado sua filha, se levantou e, por um instante, se sentiu o homem mais forte e feliz do mundo.

No dia seguinte, após entregar os 14 litros de leite ao Zé do Nena, seu Antônio foi até a cidade atrás do Jair. Encontrou-o todo satisfeito, pois vários produtores o haviam procurado com a mesma finalidade: agendar a excursão para algumas das propriedades sugeridas pelo palestrante. Decidido o roteiro e com a prefeitura bancando parte expressiva das despesas, foi feita uma lista com as pessoas que iriam viajar. Seu Antônio inscreveu toda a família.

No dia marcado, estavam todos lá, e a comitiva partiu para encontrar seu novo destino. Uma das propriedades visitadas foi o Sítio Nossa Senhora do Carmo, do Sr. José Carlos Barbosa e dona Glória, no município de Jacareí (SP), assistida pelos extensionistas Danielle Daher Pereira de Souza, da prefeitura de Jacareí (SP), Ricardo Manfredini Hernandez Requejo, da Casa da Agricultura

## *Sítio Esperança*

de Tremembé (SP), Dalmir Lopes Guedes e João Bosco Andrade Pereira, ambos da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (CATI) de Pindamonhangaba (SP). Seu José e dona Glória contaram que o rumo de suas vidas começou a mudar quando os técnicos perguntaram se eles não queriam participar de um projeto em que sua propriedade seria utilizada como “sala de aula prática” para treinamento de todos os envolvidos. Seu Antônio, ouvindo isso, lembrou-se do convite feito pelo Jair, para que sua propriedade também fosse uma “sala de aula prática” do município. Ele olhou para sua esposa, que ouvia atentamente o relato de dona Glória:

- Quando entramos neste projeto, o “Zé” cortava capim-elefante passado para alimentar as vacas. Quando acabava a nossa capineira, saía comprando capineiras velhas dos vizinhos ou cortava capins de beira de estrada. Estávamos conformados com a situação, afinal, o que esperar de uma propriedade de menos de dois hectares de área total?

Apesar de toda a dificuldade, seu José e dona Glória, muito religiosos, ainda decidiram doar parte do terreno (10% da área) para a construção de uma igrejinha e de uma escolinha - temos que pensar no futuro do Brasil, falava ele quando perguntado do motivo dessa doação. Respondia também dizendo que tinha terra demais e que era preciso ajudar os outros. Seu Antônio e Dona Aurora engoliram a seco nesta hora.

Trouxeram como herança dívidas com parentes e instituições financeiras e, logo nos primeiros meses do trabalho, seu José teve um problema sério na coluna vertebral. Era a cobrança feita pelo corpo depois de tantos anos de trabalho pesado. Como não podia nem se levantar da cama, teve que emprestar suas vacas a um vizinho por um período de 40 dias. Foi um tempo de trevas. A propriedade perdeu a pouca renda que produzia e, das nove vacas que foram, duas morreram e as outras retornaram em péssima condição corporal. A produção não chegava a 40 litros diários.

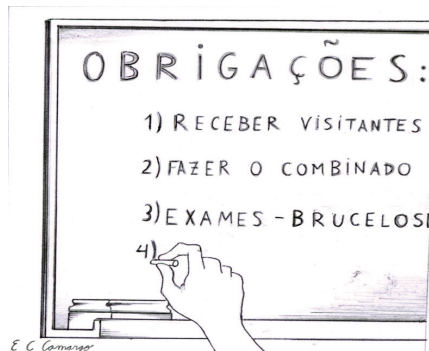
Com muita dificuldade, conseguiram equilibrar a situação e, depois de quatro anos de trabalho orientado, a produção atingiu 200 litros de leite. E o mais importante: passaram a ter uma renda ao redor de R\$ 1.500,00 por mês (2006), capaz de quitar todas as dívidas.

Seu Antônio e dona Aurora sentiram um grande aperto no coração. Aquele testemunho os tinha atingido em cheio. Ele se virou para a esposa e percebeu que os olhos dela estavam cheios de lágrimas. Ele perguntou o porquê da emoção?

- Esta é a nossa história, parece que estou olhando num espelho. Encontramos o caminho, meu marido, e isto não tem preço - Concluiu dona Aurora.

## *O início do trabalho*

Ao final da viagem, na qual visitaram a propriedade do Sr. José Carlos e dona Glória, no município de Jacareí (SP), seu Antônio e dona Aurora pediram ao extensionista Jair que lhes ajudasse, pois estavam convencidos do rumo a tomar. Queriam ainda conhecer outras propriedades, sem dúvida, mas esta já fora suficiente para lhes mostrar o caminho.



Jair entrou em contato com o palestrante, que ratificou a entrada do extensionista no trabalho, e disse ainda que ele próprio, neste caso, atuaria como instrutor, passando a visitar com frequência a propriedade escolhida pelo Jair para ser a “sala de aula prática” do município.

Jair, entusiasmado por ter sido aceito, passou a fazer parte do Projeto Balde Cheio da Embrapa, indo contar a boa nova aos proprietários do Sítio Esperança.

Depois de dar a notícia, aproveitou e explicou para o seu Antônio e dona Aurora que, como em qualquer trabalho, eles teriam direitos e deveres. Enquanto seu Antônio quis saber o que receberia, sua esposa preferia iniciar a conversa pelas obrigações. Jair atendeu à solicitação de dona Aurora.

- A primeira obrigação é que a propriedade selecionada, no caso, o Sítio Esperança, esteja sempre à disposição para receber visitantes, seja da localidade, do município, da região, de outros Estados



brasileiros e até mesmo do exterior, e que durante a visita nada fosse omitido. Tudo de positivo que tiver acontecido, bem como todos os fatos negativos ao longo da trajetória de intensificação da produção leiteira na propriedade, deve ser comentado - explicou Jair.

Dona Aurora olhou para seu marido e, simultaneamente, como se tivessem ensaiado, movimentaram a cabeça para cima e para baixo, dando sinal verde para a continuidade da conversa.

- O segundo dever é fazer sempre o que for combinado, ou seja, o que for acertado ou acordado entre vocês (proprietários), eu (o extensionista) e o instrutor do trabalho, no caso, o palestrante que comandara a reunião no salão paroquial do bairro. Se não concordarem com alguma tarefa proposta ou sugestão de compra de algum insumo, equipamento ou animal, manifestem-se, porque, se vocês não falarem nada, isto significará que concordaram, e aí terão de cumprir a tarefa - disse Jair.

Seu Antônio abriu um pequeno sorriso e comentou que tinha gostado desta obrigação.

- Quer dizer, Jair, que não vou ser obrigado a fazer o que vocês mandarem?

- De forma alguma, seu Antônio, o senhor só estará obrigado a fazer o que for acertado entre nós.

Jair aproveitou o momento e exemplificou, de uma maneira um tanto quanto esdrúxula, o que queria dizer.

- Imaginem que eu proponha cortar uma das patas de cada vaca do sítio, para, hipoteticamente, diminuir a compactação do solo em 25%, e o senhor, seu Antônio, concorde com isso. Na minha visita seguinte, todas as vacas deverão estar com três patas.

- Mas isso é um absurdo, eu nunca concordaria com uma maldade destas - protestou indignado, seu Antônio.

- Perfeito! É isso que eu e o instrutor vamos querer de vocês no trabalho: jogo limpo, lealdade o tempo todo. Se não concordarem com a proposta, falem, argumentem, discutam e vamos modificá-

## *Sítio Esperança*

la até chegarmos a um consenso, a um acordo. Mas se a sugestão de tarefa for aceita por todos, deverá ser cumprida, sob pena de o produtor ser eliminado do trabalho. Não vai haver paternalismo, ninguém vai ficar “passando a mão na cabeça” de nenhum produtor, achando que ele é um coitadinho. Combinou, está combinado, e o serviço deverá ser executado - sentenciou Jair, de forma dura, mas clara, e concluiu dizendo:

- Para garantir que nada do que for acordado seja esquecido, tanto o instrutor, como eu e vocês deveremos anotar as tarefas combinadas, para ninguém alegar esquecimento.

Dona Aurora sorriu e disse para o Jair que ele estava certo, que é preciso anotar tudo porque seu marido vivia se esquecendo das coisas.

- A terceira obrigação é também uma das contrapartidas a que o proprietário terá direito por permitir que sua propriedade seja utilizada como “sala de aula prática”. O rebanho será avaliado quanto à presença de duas doenças perigosas, tanto para os animais quanto para as pessoas, por poderem ser transmitidas aos seres humanos: brucelose e tuberculose. As despesas com estes exames ficarão sob minha responsabilidade. Terei de arrumar o dinheiro para isso. Faz parte dos meus deveres - prosseguiu Jair, demonstrando que também teria obrigações a cumprir no trabalho.

- Caso exista uma ou mais vacas positivas no rebanho, deverá ou deverão ser eliminadas. O produtor poderá até se recusar a descartá-las, mas, neste caso, a propriedade será excluída do projeto. Num trabalho sério como este, não podemos admitir a presença de animais doentes - explicou Jair, aproveitando a oportunidade para desabafar, indignado:

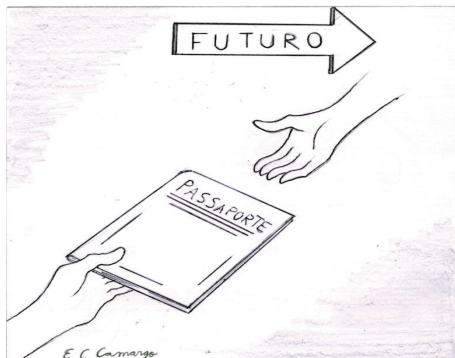
- Na verdade, nenhum produtor de leite do planeta deveria admitir, nem sequer pensar na hipótese, de produzir um alimento que pode trazer algum problema para as pessoas. É uma questão de consciência, que não tem nada a ver com nível cultural, nem condição social ou situação econômica do produtor. É uma questão de, na hora de dormir, poder deitar a cabeça no travesseiro e descansar tranquilo, sabendo que fez a sua parte. Alegar, como muitos fazem, desconhecimento do problema, nos dias de hoje,

é, no mínimo, ofender nossa inteligência. Dizer que o laticínio não paga nada a mais pelo fato de seu leite estar livre dessas doenças é ser individualista e mercenário, não se importando com as crianças e os idosos que vão consumir o leite. E jogar a culpa do problema na cooperativa ou no laticínio depois que o caminhão retirou o leite de sua propriedade é repetir Pôncio Pilatos.

- E a quarta obrigação? - perguntou ansioso, seu Antônio.

## ***Passaporte para o futuro***

Para variar, seu Antônio estava ansioso e queria saber logo qual seria o quarto dever para poder participar do projeto de transferência de tecnologia que utiliza uma propriedade selecionada por município como “sala de aula prática” para todos os envolvidos: instrutor, extensionista local, proprietário, outros técnicos do município e da região e produtores vizinhos. Estava na expectativa de qual seria a última obrigação, pois com as três anteriores ele já concordara.



Jair explicou que o quarto dever estava relacionado às anotações das informações, tanto relativas ao rebanho quanto à parte econômica da atividade. Comentou que, em relação aos animais, para garantir a qualidade e a credibilidade das informações, seria preciso numerá-los, colocando brincos grandes com fundo amarelo e números em preto, já impressos, começando a partir do número 01 (vaca mais velha) até a vaca mais nova. Na sequência, seriam numeradas as novilhas, começando pela mais velha e indo até mais nova; por fim, numerando também com brincos, as bezerras (fêmeas até um ano de idade), iniciando da mais velha até a última bezerra nascida.

- Isso é importante - frisou Jair. - Assim, se evita confusão na hora de analisar os dados.

Citou o caso de uma propriedade visitada pelo palestrante, onde existiam três vacas com nomes semelhantes: Rocinha, Rosinha e Roxinha. O problema é que as letras “c”, “s” e “x” na escrita do produtor eram parecidas, e daí para a confusão não precisou muito. Seu Antônio entendeu, mas achou desnecessário. Alegou que conhecia todas as suas vacas.

- É verdade - concordou Jair. - Mas para aquele produtor que tiver mais animais, a situação se complica. Além disso, é preciso espalhar o conhecimento para que não seja exclusividade de poucas pessoas e, convenhamos, um rebanho numerado com brincos demonstra organização na propriedade.

- Mas e o custo disso? - perguntou dona Aurora.

Jair explicou que, como este item fazia parte da contrapartida do projeto, o extensionista (no caso, ele) é que ficaria incumbido de arranjar recursos para adquiri-los.

Continuando a explanação, disse que deverão ser anotados os seguintes eventos relacionados ao rebanho:

- Cobrição (cobertura, popularmente chamada) das vacas e novilhas: data (dia/mês/ano), nome e número da vaca ou novilha que foi coberta, tipo de cobrição (monta natural ou inseminação artificial), nome do touro e algum comentário importante sobre o evento, se houver.
- Parição: data (dia/mês/ano), nome e número da vaca que deu cria, sexo da cria (macho ou fêmea), nome e/ou número da cria (apenas, no caso das fêmeas que vão continuar no rebanho após a desmama, pois se a bezerra tiver como destino a venda após a desmama, não será preciso dar nome nem número a ela), e algum comentário importante, como a ocorrência de aborto, natimorto, parto problemático com bezerro em posição incorreta, etc.
- Controle leiteiro: é o nome dado à pesagem (preferencialmente) ou à medição no balde graduado ou usando uma régua apropriada, da produção de leite individual (de cada vaca), pelo menos uma vez por mês, e, no máximo, duas vezes no mesmo mês. Mais do que isso é desnecessário. Deve-se anotar a data do controle leiteiro, o número e o nome da vaca ordenhada, a produção

## *Sítio Esperança*

de leite nas ordenhas (uma, duas ou três) e alguma ocorrência que possa ter interferido na produção da vaca, como mastite, problema no casco, cio no dia do controle leiteiro, entre outros fatores.

- Secagem da vaca: anote a data da secagem (final da lactação), o número e o nome da vaca que encerrou a lactação e se foi feito algum tratamento.
- Pesagem da fêmea em crescimento: caso a bezerra vá permanecer no rebanho até se tornar vaca, será preciso pesá-la mensalmente desde o nascimento até a parição, anotando a data da pesagem, o número e/ou nome da bezerra ou novilha e algum acontecimento relevante, se ocorrer. Se não houver balança na propriedade (situação comum em quase todas as propriedades leiteiras), será usada fita que correlaciona o perímetro torácico ao peso do animal.
- Entrada e saída de animais na propriedade: anotar a data, o número e/ou nome da vaca, novilha ou bezerra que for comprada, vendida ou que tenha morrido.

- Quanto aos acontecimentos relativos à parte econômica - esclareceu Jair - o produtor deverá anotar:

Despesas: todos os gastos efetuados relativos à atividade leiteira e as respectivas datas em que foram realizados.

Receitas: todos os ganhos obtidos com a atividade leiteira, ou seja, com a venda do leite, de derivados ou de animais e as respectivas datas em que foram realizados.

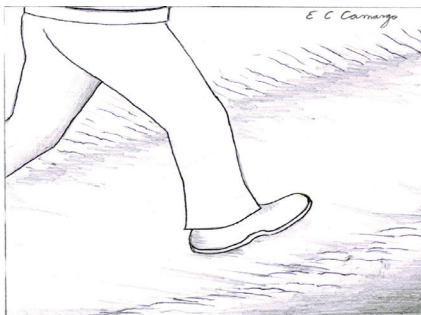
- As planilhas sugeridas para a coleta de todas estas informações serão fornecidas por mim - concluiu Jair.

Dona Aurora e seu Antônio ouviram atentamente as explicações, mas quiseram saber, por fim, o que aconteceria se esquecessem de anotar alguma dessas coisas. Jair, não falou nada, apenas passou a mão de um lado para o outro do pescoço, deixando claro toda a seriedade do trabalho. Eles arregalaram os olhos, engoliram a saliva e, após um breve silêncio, aceitaram a última condição para embarcar rumo ao futuro.

## 12

### ***Primeiros passos***

A conversa entre seu Antônio, dona Aurora e o extensionista Jair continuava, e ela queria saber qual era o único direito que teriam ao participar do trabalho proposto, visto que, com as obrigações já haviam concordado. Jair disse que seria o direito de receber a assistência técnica prestada por ele. Seu Antônio respondeu de imediato:



- Só isso?

Esta pergunta deixou o técnico um tanto desapontado.

- Como só isso? - respondeu Jair - Com a minha presença, vocês terão acesso ao conhecimento trazido pelo palestrante que coordena o trabalho e toda a rede de instrutores e técnicos participantes espalhados pelo Brasil.

Jair pensou por um instante em como o conhecimento é pouco valorizado em nosso País. Para confirmar sua suspeita, perguntou a seu Antônio o que ele, sinceramente, preferiria: receber assistência técnica ou uma generosa quantidade de ração (alimento concentrado) e adubos. Seu Antônio não teve dúvidas em apontar os insumos como opção que mais lhe traria benefícios.

- Não é nada contra você, Jair, é que já apareceram tantos doutores com ideias mirabolantes, falando que iriam resolver nossos problemas, que hoje estou preferindo garantir a ração das vacas e os adubos da terra - confessou seu Antônio.

## *Sítio Esperança*

Jair refletiu e concordou que os produtores têm certa razão em ficar “com os dois pés atrás” quando um técnico propõe algo novo. É muita gente falando e aconselhando absurdos, sem nenhuma responsabilidade. No entanto, o que estava sendo proposto era algo diferente, em que a tecnologia em questão somente seria aplicada se fosse acordada entre as partes e que a decisão final ficaria sempre nas mãos do maior interessado, o produtor.

Dona Aurora, mais objetiva, quis saber quando, onde e como começariam o trabalho. Na verdade, segundo Jair, ele já fora iniciado na reunião no salão paroquial do bairro e continuou quando visitamos as propriedades que participam do trabalho. Agora vou entrar em contato com o palestrante, que coordena o projeto, a fim de agendar para o mais breve possível a visita dele à propriedade, na condição de meu instrutor.

No dia seguinte, Jair retornou ao Sítio Esperança e contou para seu Antônio e dona Aurora que o palestrante/instrutor havia marcado para a próxima semana sua primeira visita. Dona Aurora arregalou os olhos e comentou:

- Mas já?

De imediato, ficou nervosa! Logo, a apreensão se fez presente e, com ela, o medo.

- Será que fizemos a coisa certa? - perguntou ao marido.

Enquanto isso, Jair sumia na curva da estrada.

Seu Antônio nada falou, apenas respondeu erguendo os ombros, abrindo os braços, virando as palmas das mãos para cima, demonstrando a mesma dúvida.

Foi uma semana tensa, pois, bem ou mal, estavam vivendo há vários anos naquela propriedade e agora surgira a oportunidade de melhorar de vida. Mas a sombra da derrota e, conseqüentemente, da condenação de toda família ao exílio do meio rural, os assustava. Será que vale a pena arriscar? Não estamos nos deixando iludir por mais uma promessa de dias felizes? Temos mesmo o direito de sonhar? Esses e outros tantos questionamentos assombraram suas mentes durante a mais longa semana de suas vidas.



Paralelamente, tiveram ainda que decidir o que fazer com a coleta a granel do leite, afinal, o prazo anunciado pelo Zé do Nena já estava terminando. Depois de algumas reuniões, os produtores de leite resolveram se unir para criar uma associação e, conversando com o representante do laticínio, obtiveram o empréstimo de um tanque para resfriamento coletivo do leite, que foi instalado em uma propriedade próxima à sede do bairro, onde os associados (inclusive seu Antônio) deveriam levar o resultado de suas colheitas diárias. Antes de o produtor colocar o leite no tanque de resfriamento, uma amostra do leite de cada uma das propriedades deverá ser retirada para realização de testes imediatos de aferição da qualidade do produto e para futura análise laboratorial. Se houver algum problema que comprometa a qualidade de todo o leite captado, o produtor responsável deverá arcar com o prejuízo causado aos outros produtores. Caso se recuse a assumir suas responsabilidades, será excluído da associação e, neste caso, “boi apartado será comida de onça”.

Jair explicou aos produtores da associação que esta obrigatoriedade não era rabugice do laticínio e, sim, o cumprimento de uma legislação que deveria ter entrado em vigor desde 2005 nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste, mas que vem sendo adiada constantemente. Essa instrução normativa visa melhorar a qualidade do leite e derivados industrializados e comercializados no País.

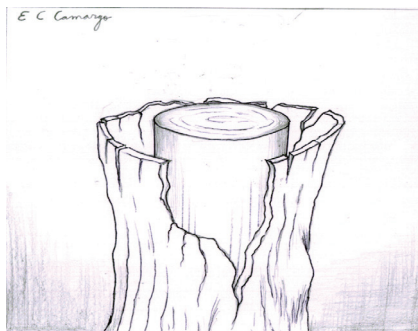
Seu Antônio e os outros produtores reclamaram um pouco, mas entenderam que lei é para ser cumprida. Com o associativismo, a remuneração do leite vendido pelo Sítio Esperança melhorou, mas nada que pudesse trazer mais conforto à família, afinal, eram apenas 14 litros diários sendo vendidos e, por mais alto que fosse o preço, o que sobrava no final do mês era muito pouco para as necessidades da casa.

No dia marcado para a primeira visita do instrutor, dona Aurora estava com cólicas, parecia que iria ter o quarto filho. Havia feito bolo de fubá e café para esperá-lo. Passava das duas da tarde quando avistaram um carro virando a curva da estrada, vindo no rumo do sítio. Os corações de seu Antônio, dona Aurora, Clara, Cândida, e até do pequeno João, ficaram apertados. Era o destino de todos que estava em jogo. Rezaram um Pai Nosso e dona Aurora completou:

- Seja o que Deus quiser!

## ***Cerne ou casca?***

O carro estacionou sob a sombra de uma das poucas árvores ainda existentes no sítio e dele saltaram Jair e o instrutor, que na verdade era o palestrante que ministrara a palestra no salão paroquial do bairro há poucos dias. Outros automóveis trouxeram produtores vizinhos. Seu Antônio deu boas-vindas a todos, pedindo desculpas pela simplicidade do lugar. Dona Aurora, após cumprimentar as pessoas, confessou estar muito nervosa e até mesmo ansiosa com aquela visita, pois, afinal, era o futuro da família que estava em jogo.



De imediato, comentaram com os visitantes que não tinham dinheiro e que, se fosse proposta a troca das vacas ou a compra de qualquer equipamento agrícola, não teriam condição de fazer. Foi uma espécie de desabafo para mostrar o quanto estavam aflitos. Um cartão de visitas às avessas.

O instrutor escutou com toda a calma e paciência do mundo e disse que ele só viera conhecer a propriedade e, ao mesmo tempo, verificar se ela se encaixava no perfil exigido pelo trabalho, que era o de uma propriedade pequena e conduzida pela família, para servir como “sala de aula prática”.

- Como assim? - perguntou seu Antônio.
- Quantos litros de leite vocês gostariam de produzir diariamente? - explicou melhor o instrutor.
- Quanto mais, melhor! - respondeu seu Antônio.

- Isso não é resposta, seu Antônio - retrucou o instrutor. - Quero que o senhor transforme esse “quanto mais, melhor” em números, complementou.

Seu Antônio coçou a cabeça, olhou para sua esposa e disse que se eles produzissem uns 100 litros por dia estariam “prá” lá de satisfeitos, seria um sonho.

O instrutor disse que não sabia se eles iriam chegar a esta produção no tempo médio estipulado para a capacitação do extensionista (quatro anos), no caso, o Jair, e que isso dependeria de muita coisa, mas que era importante ter um objetivo. Esclareceu, ainda, que para transformar este sonho em realidade seria necessária a dedicação de todos, inclusive, dele mesmo, e que eles poderiam contar daqui para frente, tanto com sua ajuda, quanto com a do Jair.

Após uma breve explicação aos produtores visitantes sobre o que era o trabalho e quais seus objetivos, além dos direitos e deveres de cada participante, o instrutor disse que gostaria de conhecer a propriedade.

A casa, muito simples, estava localizada numa das extremidades do sítio, próxima ao córrego. O instrutor quis saber se aquela água abastecia a casa. Seu Antônio disse que não, que a água usada pela família vinha de um poço comum. Continuaram caminhando e conversando. O instrutor andou por toda a propriedade e viu a quantidade de lixo espalhado. Observou as áreas cercadas por uma penca de arames farpados que seu Antônio erroneamente chamava de pastagens. Constatou a condição lastimável das vacas e dos bezerros num cenário de desanimar qualquer um.

Durante a caminhada, o instrutor nada comentou. Dona Aurora, que também acompanhava a comitiva, se incomodou com o fato de ele não dizer nada, e perguntou:

- Está difícil, não é?

Antes que ele respondesse, ela, resignada, disse:

- Se o senhor quiser escolher outra propriedade, não tem importância. Eu e o Antônio sabemos que a situação aqui é muito complicada.

## *Sítio Esperança*

O instrutor concordou com ela quanto ao fato de que não seria nada fácil recuperar a propriedade e torná-la produtiva, mas permanecera quieto não por isso e, sim, por estar vislumbrando o futuro e, para isso, precisava “ouvir o silêncio”. Em seguida, abriu um sorriso sereno e começou a mostrar a eles uma propriedade que desconheciam, com potencialidades ocultas, cheia de possibilidades para o crescimento. Todos os presentes se entreolharam e um dos vizinhos sussurrou:

- Esse homem é louco? O que é que ele está vendo de bom nesse lugar feio e bagunçado?

Seu Antônio achou que o instrutor estava ironizando sua situação:

- Olha aqui doutor, se o senhor veio até a minha propriedade para fazer graça, pode dar meia-volta e ir embora.

Dona Aurora concordou com o marido.

O instrutor lembrou que é entre as rochas e muita terra que se extrai o diamante. O problema das pessoas é que elas apenas veem, mas não enxergam. Explicou que não estava nem um pouco impressionado com o estado de falência do local, demonstrado pela situação atual do sítio. Estava enxergando o resultado final e que o problema estava em como alcançá-lo.

Virou-se para o casal e propôs:

- A primeira e única coisa que quero combinar com vocês nesta visita é a limpeza geral da propriedade, recolhendo toda sorte de lixos, até mesmo aqueles arames farpados enferrujados e enterrados, que só a ponta aparece, parecendo brotar do chão. Isto não vai custar dinheiro algum para ser feito e o prazo que lhes dou é até o meu retorno, daqui a quatro meses. Será que vocês darão conta disto? Estou em dúvida! Até agora só ouvi de vocês reclamações. Contaram-me que o senhor, seu Antônio, era firme que nem aroeira na lida diária. Não sei não. Acho que vocês não vão dar conta de promover essa limpeza. Dessa aroeira, pelo jeito, só restou a casca.

Seu Antônio fechou a cara, acusando o golpe, e devolveu:

- Pois o senhor vai ver quando voltar!

## Revolução silenciosa

No dia seguinte à visita do instrutor, na qual tinha sido combinada uma limpeza geral no Sítio Esperança, Jair retornou à propriedade. No caminho, imaginava o que estaria acontecendo por lá, pois achava que o instrutor tinha “pegado pesado” com eles quando duvidou da capacidade de executarem o serviço acordado. Para sua surpresa, encontrou seu Antônio animado.



Após os afazeres de rotina e com a família ajudando, se pôs a catar tudo quanto era lixo. Iniciaram pelo “piquete” das bezerras e ao redor do curral. Eram latas, arames farpados, vidros, cacos de telha, botina velha, trapos, plásticos, garrafas “pet”, embalagens de produtos veterinários, tocos, tábuas com cupins, e por aí afora. Tinham amontoado uma porção de coisas. Jair “entrou na dança” e os ajudou a classificar os materiais como úteis, recicláveis e lixo.

Pairava no ar uma atmosfera diferente, e Jair se recordou do tempo percorrido até aquele dia: a reunião no salão paroquial, as visitas às outras propriedades participantes do trabalho, as conversas com a família, a vinda do instrutor até o sítio, a aprovação da propriedade pelo mesmo e, agora, a execução do serviço combinado. Compreendeu a lógica do trabalho e sorriu, pois percebeu que estava fazendo parte de uma revolução silenciosa que abalaria as estruturas e os conceitos tradicionais da produção leiteira na localidade. Animou-se também e combinou mais mutirões de limpeza, afinal, tinham quatro meses pela frente para deixar o sítio em ordem.

## *Sítio Esperança*

Outras tarefas também foram iniciadas. Ficou acertado que a partir do dia primeiro do mês seguinte à visita deveriam ser anotados os dados referentes ao rebanho e as informações de tudo que se gastava e se ganhava no sítio.

Tudo, preferencialmente, deve ter início no dia primeiro de cada mês, pois isso tem um efeito psicológico e um significado de que “agora vai”. Além disso, Jair deveria providenciar também um pluviômetro para medição das chuvas e um termômetro para registrar as temperaturas máxima e mínima de cada dia.

Jair trouxe, na semana seguinte, o pluviômetro, o termômetro e as planilhas para as anotações dos dados zootécnicos, econômicos e climáticos. Ensinou como preenchê-las, montou pastas por categoria de informação e disse que no primeiro controle leiteiro (pesagem ou medição da produção de leite de cada vaca em lactação) fazia questão de estar presente.

Instalou o pluviômetro numa área longe das construções (casa e curral) e de alguma árvore (15 metros de distância, no mínimo), a 1,5 metros de altura, ficando livre o bocal do aparelho, 5 cm acima do suporte, fácil para a leitura e retirada para seu esvaziamento.

Já o termômetro foi instalado na varanda da casa, por não poder ficar dentro do imóvel e nem exposto ao sol, numa altura que permitia sua fácil leitura, o que, por sinal, deveria ocorrer sempre no mesmo horário. Dona Aurora ficou incumbida de anotar diariamente, lá pelas oito da manhã, as temperaturas máxima e mínima das 24 horas anteriores. Jair explicou como se lia o aparelho e como ele deveria ser “zerado” para a próxima anotação. Dona Aurora entendeu logo de primeira.

Pelo fato de o Sítio Esperança permitir sua utilização como “sala de aula prática”, o projeto previu também uma contrapartida: a cessão de alguns materiais para a execução do trabalho. Estes materiais serão necessários para a boa execução do “curso de qualificação do aluno-extensionista”, no caso, o Jair, e para a precisão das informações, devendo ser providenciados pelo aluno. Quanto a quem arcaria com estas despesas, passou a ser uma questão a ser resolvida pelo extensionista interessado em participar do trabalho. Inclusive, esta é uma das formas de avaliar a qualidade do extensionista - a sua capacidade de mobilizar a sociedade local

e mostrar a relevância deste projeto para o desenvolvimento regional. Se ele não conseguir argumentar com o prefeito ou com os dirigentes da cooperativa, do laticínio, do sindicato rural, das associações, das casas de produtos agropecuários e da comunidade em geral sobre a importância econômica (geração de renda), social (redução do êxodo rural) e ambiental (a intensificação da produção reduz a pressão sobre a abertura de novas fronteiras agrícolas), conseguindo que financiem a aquisição do material requerido, provavelmente, não terá condições de convencer nenhum produtor a embarcar nesta viagem.

Além do pluviômetro e do termômetro, Jair ficou de providenciar o levantamento planialtimétrico detalhado do Sítio Esperança, a primeira análise do solo e os primeiros exames de brucelose e tuberculose (tarefas combinadas não na visita do instrutor, mas nas obrigações do extensionista para participar do projeto). Como tanto a propriedade e o rebanho eram pequenos, o valor total não ultrapassou R\$ 1.000,00 (janeiro de 2017), o que, há de se convir, é muito pouco para a “matrícula do aluno no curso”.

Jair conseguiu os recursos junto à prefeitura, que estava convencida de que o custo-benefício do trabalho seria amplamente favorável. Outras instituições se puseram à disposição para auxiliar no que fosse preciso. Isso motivou ainda mais o técnico, aumentando sua responsabilidade. Jair entrou em contato com um topógrafo para executar o levantamento planialtimétrico da forma como foi sugerido pelo instrutor, bem como com um veterinário credenciado para a realização dos exames de brucelose e tuberculose.

Por ser pequena, a propriedade foi medida rapidamente pelo topógrafo e, no dia marcado, o veterinário foi ao sítio para retirar as amostras de sangue para os exames de brucelose e aplicar a tuberculina para detecção de tuberculose. Os resultados dos exames chegaram na semana seguinte.

## Susto na família

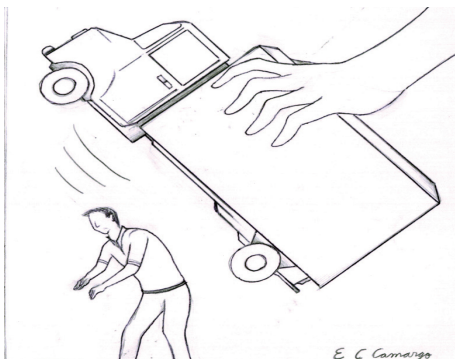
O veterinário trouxe os resultados dos exames de brucelose e tuberculose. A expectativa era grande, pois seu Antônio nunca havia feito tais exames nas vacas. Ele abriu os envelopes, leu e disse que o rebanho estava limpo quanto à tuberculose, mas havia apresentado resultado positivo para brucelose em uma das vacas. O touro estava livre das duas doenças. Seu Antônio

quis saber qual era a vaca positiva, e o veterinário falou que era a Mimosa. Um calafrio percorreu sua coluna, pois, além de ser sua melhor vaca, era dela que ele retirava o leite para ser consumido em casa. Perguntou ao veterinário se havia perigo de a doença ter sido transmitida para sua família e ouviu o que não queria:

- Sim, existe o risco se este leite não for bem fervido - respondeu o profissional.

- O que faço agora? - perguntou, aflito, seu Antônio. - Não sei se em todos estes anos o leite sempre foi fervido corretamente - disse, com preocupação na voz.

- Vá até um laboratório para fazer exames em toda a família, separe a vaca para que eu possa identificá-la e marcá-la com a letra "P" maiúscula, permitindo que eu a acompanhe no abate que deverá ser efetuado em, no máximo, 30 dias - sentenciou o veterinário.





No dia seguinte, toda a família foi ao único laboratório de análises clínicas na cidade. Seu Antônio comentou com sua esposa que se ela, alguma das filhas ou o caçula estivessem com brucelose, não se perdoaria nunca. Nos dias que se sucederam até a data marcada para retirar os resultados, mandou Mimosa para o abate. Não conseguiu vendê-la por muito, mas achou que os R\$ 500,00 (janeiro de 2017) seriam uma espécie de fortuna, caso os resultados dos exames em toda a família fossem negativos.

No dia agendado, foi com Jair buscar os exames no laboratório. Tremia muito. Pediu ao extensionista que retirasse o resultado no balcão e lesse para ele. Jair, que também estava nervoso, abriu o envelope e começou a ler. Seu Antônio não aguentava de ansiedade, mas logo se acalmou vendo o sorriso estampado na face do técnico. Todos os exames deram resultado negativo, ninguém tinha a doença. Foi como se tirassem um caminhão das costas de seu Antônio, que voltou ligeiro para casa a fim de dar a boa notícia à família. Disse para Jair que nunca mais deixaria que sua família corresse este tipo de risco e que passaria a fazer os exames de brucelose e tuberculose no rebanho a cada seis meses, como havia orientado o veterinário.

Mimosa estava produzindo quatro dos 15 litros diários, e, com sua venda, a produção de leite do sítio caiu para 11 litros. Mas isso perto da benção de ter todos com saúde na família fora visto até com bom humor por seu Antônio:

- É menos leite para tirar e uma boca a menos para tratar.

Com os exames realizados, colocaram os brincos nas vacas em outra obrigação providenciada pelo aluno-extensionista. Dona Aurora olhou todas as vacas com aquele adereço amarelo nas orelhas e grandes números pretos impressos a identificá-las e, por um instante, sentiu que o sítio começava a ter ares de organização.

O trabalho de limpeza na propriedade continuava, área por área, canto por canto, metro quadrado por metro quadrado. A propriedade estava mudando. Nada de novo havia sido comprado, nada tinha sido pintado, nada fora plantado e as vacas continuavam com fome, mas o sítio estava ficando limpo e organizado, pronto para ser trabalhado rumo ao futuro.

## *Sítio Esperança*

O levantamento planialtimétrico fora realizado com capricho pelo profissional contratado e pago com recursos que o Jair obteve na comunidade. Seu Antônio recebeu uma planta com todos os detalhes do sítio: áreas divididas pelas cercas, construções (casa e curral), rede elétrica, principais árvores, curso d'água e curvas em nível com cotas de altitude a cada cinco metros. A área total, confirmando a informação inicial, era de cinco hectares (50.000 m<sup>2</sup>), formada por um retângulo de 500 m de comprimento por 100 m de largura e com uma diferença de nível de 20 m entre a parte mais baixa e o topo do sítio. Seu Antônio ficou emocionado com a beleza da planta. Não sabia direito para o que serviria aquele papel, mas ficou orgulhoso por aquele pedaço de chão lhe pertencer. Como será que aquilo poderia ajudá-lo a ganhar mais dinheiro? Jair disse para ele não se preocupar com isso, pois a planta da propriedade seria uma importante ferramenta para o planejamento a ser feito nas próximas visitas do instrutor.

Jair retirou duas amostras de solo: uma, da área próxima ao curral, e outra, da área cercada por arame farpado que seu Antônio teimava em chamar de pasto.

Seu Antônio até se propôs a retirar as amostras de solo, mas o técnico explicou que gostaria de fazer este trabalho junto com o proprietário, pois era a oportunidade de percorrer toda a área e conhecê-la no detalhe, além, evidentemente, da confiabilidade que teria nos resultados. Como não poderia deixar de ser, eles mostraram que a terra estava desgastada, pobre em fertilidade. Em ambas, a acidez estava elevada, o nível de matéria orgânica era baixo e os teores de fósforo e potássio eram quase traços.

Com tantas novidades e atividades, nem viram o tempo passar. A visita seguinte do instrutor estava se aproximando. Os quatro meses de intervalo passaram voando. Desta vez, no entanto, não estavam preocupados com a visita e, sim, ansiosos para mostrar o que haviam conseguido realizar e saber qual seria o passo seguinte. Seu Antônio, em particular, queria “esfregar na cara dele” que fibra e vontade de trabalhar eles tinham de sobra e que a família era sustentada por dois esteios de puro cerne de aroeira - ele e sua esposa. Jair, por sua vez, checava a lista de trabalhos combinados, verificando se tudo o que fora acordado havia sido realizado.

- Tudo certo! - concluiu, aliviado.

Agora era só esperar pela avaliação do instrutor.

## ***Recuperando o entusiasmo***

Quando o carro do instrutor apontou na curva da estrada no início daquela manhã, dona Aurora, em vez de sentir cólicas como antes da primeira visita, sorriu. Algo havia mudado. O sítio estava recebendo um punhado de gente que viera acompanhar o que estava sendo feito naquele pedacinho de terra. Eram produtores vizinhos, produtores de outras localidades, e até uma repórter do jornal da região havia sido convidada pelo extensionista.



Após os cumprimentos, o instrutor quis saber o que havia acontecido no intervalo entre a primeira visita e esta. Jair, seu Antônio e dona Aurora se revezavam na oratória, narrando todos os fatos e feitos. Antes de darem uma volta pelo sítio, para a avaliação das tarefas executadas, o instrutor quis checar todas as informações coletadas. Iniciou pelos dados climáticos (medição da quantidade de chuvas e o registro diário das temperaturas máxima e mínima), passando para a averiguação das informações zootécnicas (parições, cobrições e controles leiteiros) e, por fim, as econômicas (despesas ou gastos e receitas ou ganhos). Elogiou a organização (todos os dados estavam em pastas etiquetadas e separadas de acordo com a categoria - parições, cobrições, controles leiteiros, despesas, receitas, pluviometria e temperaturas) e a letra legível e bem desenhada.

- Quem é o dono desta caligrafia? - indagou o instrutor, após o elogio.

- É da Clara, minha filha mais velha - disse dona Aurora. Seu Antônio, na ponta da mesa, ficou orgulhoso e recordou o que sua filha havia dito para ele, antes de dormir, na noite após a reunião no salão paroquial:

## *Sítio Esperança*

- Conte comigo, papai!

Na volta pelo sítio, tanto os proprietários como Jair apresentaram o que havia sido feito, e para aqueles que não puderam estar na primeira visita, o extensionista mostrou as fotos que tirara antes das ações de limpeza e organização. Ele registrara tudo. Disse também que filmara os mutirões de catação de lixo, além de tomadas gerais da propriedade. O instrutor elogiou muito esta atitude do técnico, pois as imagens do “como era” acabam se perdendo na memória e as pessoas, incluindo os próprios executores do trabalho, tendem a minimizar as tarefas realizadas. Além das fotos, Jair carregava o levantamento topográfico para que fossem conferindo as informações nele contidas: nome dado às áreas, posicionamento das cercas, presença de árvores e locação das construções (casa e curral).

Durante a caminhada, a jornalista quis saber o que era o projeto, onde esperavam chegar e em quanto tempo aquela propriedade apresentaria resultados. O instrutor parou sob a sombra de uma árvore e explicou o que era o Projeto Balde Cheio e qual era o seu objetivo, tanto no que dizia respeito à qualificação do extensionista como em relação à recuperação da propriedade. No entanto, perguntou o que ela queria dizer com “resultados”. Ela deu com os ombros e disse:

- Ora, o aumento do volume de leite produzido, a redução no custo de produção, o aumento da renda, a melhora de produção das vacas, a diminuição do intervalo entre os partos, e assim por diante.

O instrutor respondeu que os resultados a que ela se referira eram de cunho econômico e zootécnico, e que num prazo inferior a 12 meses, nada de significativo aconteceria. Completou a informação dizendo também que estes resultados eram secundários. A repórter ficou atônita e, de certa forma, indignada:

- Como assim, secundários. O que importa é o quanto eles vão ganhar e o quanto suas vacas vão produzir - sentenciou a repórter.

A discussão estava formada. Os outros produtores que acompanhavam a visita tomaram posição e concordaram com a jornalista. O instrutor empacou e não abria mão de seu posicionamento, de que os resultados econômicos e zootécnicos eram secundários, até que a repórter resolveu perguntar o que ele considerava como resultado prioritário. O instrutor respondeu que o principal resultado que buscava nas propriedades era

a recuperação da autoestima, da dignidade e da esperança no futuro, tanto da família do produtor, quanto individualmente do técnico, e que ali, no Sítio Esperança, estes resultados já haviam acontecido. Continuou, dizendo que o entusiasmo deles (proprietários e técnico) irá conduzi-los à conquista de ótimos resultados econômicos e zootécnicos, e que estes acontecerão de acordo com o tempo definido pela capacidade de investimento de cada propriedade: se houver recursos, o prazo será curto; caso contrário, será preciso ter muita paciência para esperar que aconteçam. Seu Antônio, interrompendo, disse:

- Paciência é o que nós mais temos aqui e tenho certeza de que o caminho que pegamos é o correto. Eu acredito! - concluiu confiante.

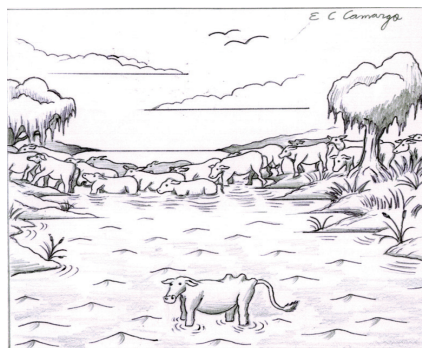
A repórter compreendeu a lógica do trabalho. Não havia a ambição de aumentar a produção de leite do município, da região, do Estado ou do Brasil, mas sim de recuperar as pessoas e proporcionar a elas uma vida digna no meio rural, contribuindo também para diminuir o fluxo do êxodo rural ou, até mesmo, aí sim sendo ambicioso, promover um êxodo urbano, o retorno ao campo daqueles parentes (pais e filhos) que foram obrigados pela vida a deixar seu pedaço de terra. Uma espécie de volta às origens.

Os produtores presentes queriam saber mais e questionaram o instrutor sobre vários aspectos da produção leiteira. Estavam com pressa em modificar suas propriedades. Da mesma forma como foi sugerido ao seu Antônio durante a reunião no salão paroquial, o instrutor os aconselhou a tomar muito suco de maracujá para conter a ansiedade. Convidou todos para participar do trabalho, acompanhando suas visitas ao Sítio Esperança a cada quatro meses e a procurar o Jair para que este passasse a assisti-los.

Um cafezinho com pão de queijo (cortesia do prefeito) esperava por todos, assim que retornaram à casa para continuar a conversa e combinar novas tarefas.

## Travessia do Araguaia

Depois da caminhada pela propriedade em que várias ideias e opiniões surgiram, e já abastecidos pelo lanche oferecido pelo prefeito, parceiro no projeto por vislumbrar uma solução para o grave problema social do êxodo rural no município - consequência da falta de geração de renda nas propriedades -, a conversa continuou no sentido de discutir sugestões e definir as próximas etapas do trabalho.



De posse das seguintes ferramentas: levantamento planialtimétrico detalhado estendido sobre a mesa, no qual todas as áreas estavam identificadas e tinham suas medidas definidas; os resultados das análises de solo das duas áreas amostradas; o preço dos corretivos, adubos e resíduos orgânicos usados como fertilizantes, e sabendo que seu Antônio ainda dispunha de R\$ 400,00, que haviam sobrado da venda da vaca Mimosa (R\$ 100,00 tinham sido gastos para pagar as contas mais atrasadas no mercadinho), teve início uma acalorada discussão sobre como, quando e onde empregar este dinheiro.

Alguns sugeriram arar e gradear todo o sítio, esquecendo do detalhe de que, por pior que fosse o pasto, era uma das fontes de alimento do rebanho na propriedade (a outra era o capim à margem das estradas). Outros aconselharam seu Antônio a aproveitar a ocasião, vender todo o rebanho e começar tudo de novo, no que ele questionou: do que iria viver? A produção de leite era reduzida, mas ajudava nas despesas. Um dos produtores radicalizou e disse para seu Antônio que a propriedade era pequena demais, que ele deveria vendê-la e procurar trabalho numa fazenda da região. Seu Antônio

nem deu ouvidos à fala do sujeito. Não admitia a possibilidade de deixar seu pedaço de terra. Neste momento, sentado num cantinho da sala, um senhor já de idade pediu a palavra e disse que os R\$ 400,00 seriam uma fortuna, se fossem bem utilizados, e que a propriedade era enorme, se fosse bem trabalhada.

O instrutor que tudo escutava e ao mesmo tempo organizava a discussão, ficou impressionado com as palavras daquele senhor. O velhinho com sua barba branca continuou sua fala dizendo que seria ótimo eliminar o rebanho, “virar a propriedade de pernas para o ar”, plantá-la por completo e adquirir novas vacas. O problema é que a quantidade de dinheiro necessária para isso seria muito maior do que a auferida com suposta venda de todos os animais, e esta transformação ainda iria requerer um financiamento no banco para fazer algo que nunca haviam feito. Era muito temerário, afinal, a vida daquela família estava em jogo e, com isso, não se pode brincar. O instrutor quis saber dele como este dinheiro poderia ser utilizado.

- Não sei! - respondeu, balançando a cabeça repleta de cabelos grisalhos.

- O instrutor aqui é você - completou, sorrindo.

O instrutor disse aos presentes que estava impressionado com o que estava acontecendo ali. Todos reunidos e tentando, cada um ao seu modo, encontrar uma solução para aquela pequena propriedade. Por mais absurdas que possam ter sido algumas opiniões, todas, sem exceção, eram bem-vindas, pois algo poderia ser aproveitado de cada uma delas.

- Quando duas ou mais pessoas se reúnem a fim de encontrar uma solução para certa situação e todos estão imbuídos deste mesmo espírito, com certeza esta é uma reunião abençoada - afirmou o instrutor.

Continuando, ele explicou que todas as propriedades têm solução, e não seria diferente no Sítio Esperança. Inicialmente, era preciso definir a área que seria trabalhada e, para isso, escreveu numa folha de papel uma fórmula que levava em conta apenas o número de vacas em lactação.

Considerando o total de animais existentes na propriedade, que era formado por seis vacas (lembrando que a vaca Mimosa fora vendida), das quais quatro estavam em produção, sendo que duas delas haviam parido há bastante tempo, desde a época da reunião no salão paroquial; quatro bezerros (duas fêmeas e dois machinhos) e um touro, explicou que o trabalho deveria ser iniciado somente com parte das vacas em produção. As duas que estavam paridas há menos tempo.

## *Sítio Esperança*

- E o que o seu Antônio vai fazer com os outros animais? - perguntaram de imediato.

- O que ele sempre fez, ou seja, nada! - respondeu. - Continuarão comendo “pastos” de gramão (também conhecido como grama-batatais ou grama-matogrosso) e capim de beira de estrada.

- Mas isso é uma judiação! - comentaram, indignados, alguns dos presentes.

O instrutor respondeu, perguntando se eles conheciam aquela moda de viola chamada “Travessia do Araguaia”, composta por Dino Franco e Dicró dos Santos, interpretada magistralmente por Tião Carreiro e Pardinho. Como alguns não a conheciam, explicou que a letra da música contava a história de condutores de uma boiada que jogavam um boi velho no rio para as piranhas comerem, enquanto o restante dos bois atravessava em segurança, e que um dos peões, “marinheiro de primeira viagem”, achou isso um absurdo, uma crueldade, sendo repreendido pelo boiadeiro mais experiente, que lhe explicou que era essa a missão daquele boi, a mesma de Jesus Cristo, que foi crucificado para salvar a humanidade.

Compreendida a lição, o instrutor aproveitou e disse que não estava preocupado com o rebanho, mas sim com algo muito mais importante, a propriedade. Se ele não conseguisse demonstrar o quanto ela poderia ser rentável, o destino daquela família estaria traçado - vender o sítio e ir morar na periferia de alguma cidade. Por não ter qualificação profissional, viveriam de trabalho informal. Deixariam de ser uma família geradora de alimentos para se tornar um problema social.

Seu Antônio pouco falava, mas estava contente em ver tanta gente dando palpites e querendo ajudá-lo com suas ideias. Nisso, o instrutor perguntou a ele se a quantidade de vacas que seriam ordenhadas ao longo do próximo verão ficaria na média de quatro e seu Antônio confirmou com a cabeça.

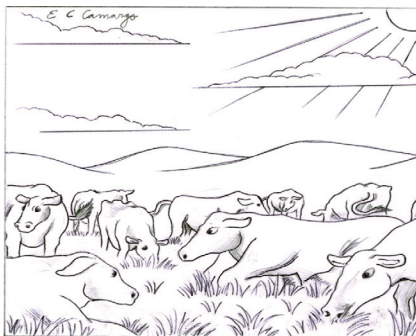
De posse desta informação, fez os cálculos e chegou à conclusão que seriam necessários apenas 2.000 m<sup>2</sup> de área de pastagem no primeiro ano do trabalho.

- Como você chegou a esse número? - quiseram saber.



## *Lotação alta, êxodo rural baixo*

As pessoas que participavam da segunda visita ao Sítio Esperança haviam ficado sem uma explicação, de como o instrutor chegara à definição da área a ser trabalhada no primeiro ano. Ele, com muita paciência, para que ninguém ficasse sem entender, esclareceu que a fórmula usada para definir esta questão levava em consideração duas variáveis: o número estimado de vacas em lactação que existiriam no rebanho nos próximos meses e a lotação (quantidade de vacas por hectare) mínima estipulada para a futura pastagem no período de verão.



Ele afirmou, para espanto geral, que a lotação deveria ser de, no mínimo, dez vacas por hectare (lembrando que o peso médio das vacas era de 450 kg). Os produtores desdenharam da informação.

- Como isso é possível, se a média brasileira mal chega a uma vaca por hectare? E você vem falar de dez vacas por hectare e ainda diz que é “no mínimo”, protestou indignado um dos produtores visitantes.

Os outros produtores concordaram com o colega de lida e começaram a fazer piadas sobre o assunto. A confusão estava formada.

O instrutor pediu a palavra e começou explicar que, em comparação à média nacional, realmente, é uma ousadia e tanto pensar em colocar na mesma área dez vezes mais vacas, mas se considerarmos o potencial de produção das pastagens de gramíneas forrageiras

## *Sítio Esperança*

tropicais, não seria nenhum absurdo. Então, convidou a todos para visitar várias propriedades que não só haviam atingido essa marca, como, em alguns casos, já haviam ultrapassado, chegando a lotações de 12, 15, 18 e até mesmo 20 vacas por hectare durante o período de verão. Por fim, disse para seu Antônio que, se não conseguissem pelo menos 10 vacas por hectare, ele “rasgaria seu diploma”!

Um breve silêncio se fez e, em seguida, completou a frase:

- A cópia do meu diploma, evidentemente!

Até dona Aurora, que estava um pouco preocupada com o rumo da discussão, sorriu num momento de descontração.

Seu Antônio fez uma conta rápida, ficou assustado e perguntou:

- Você quer dizer que nos meus cinco hectares poderei ter 50 vacas?

Todos olharam para o instrutor, esperando a resposta.

- “Teoricamente sim” - declarou o instrutor, que complementou a resposta dizendo que, no caso do Sítio Esperança, haveria de se descontar a área de proteção permanente (APP), que incluía a proteção de “olhos d’água”, num raio de 50 metros, e a recuperação da mata ciliar, numa faixa de 15 metros a partir da margem úmida do córrego, de acordo com a legislação ambiental vigente.

Olhando na planta, o instrutor verificou que a APP equivaleria a cerca de um hectare, e acrescentou:

- Com uma área útil de quatro hectares, o senhor pode sonhar em ter umas 40 vacas no sítio.

Seu Antônio coçou a cabeça e arrematou:

- Você falou bem: sonhar.

- Este é um sonho que nunca vai se realizar - desabafou dona Aurora. Se as seis vacas que temos passam fome porque o sítio é muito pequeno, imagine colocar 40 vacas. Vai parecer um cemitério!

- concluiu, com o apoio dos visitantes.

O instrutor comentou que “sonhar não pagava imposto” e todo mundo deve ter seu sonho na vida. Isso não vai acontecer amanhã: talvez demore cinco, dez ou vinte anos, mas, certamente, com esse pensamento derrotista, este sonho nunca irá se concretizar. Completou, dizendo que viera ao Sítio Esperança justamente para ajudá-los a realizar o desejo de proporcionar aos filhos uma vida melhor, mas que, se eles não estivessem com vontade de arregaçar as mangas para construir este futuro, poderiam desistir do trabalho a qualquer momento, inclusive, naquele instante.

- Não quero que acreditem em mim, quero que visitem as várias propriedades que já obtiveram estes resultados e tirem suas conclusões - finalizou o instrutor.

Continuando a conversa, perguntou aos produtores:

- O que significava colocar 10, 12, 15, 18 ou até mesmo 20 vacas por hectare?

Várias respostas foram dadas, incluindo que isso significava que a pastagem estava sendo bem manejada (o que era óbvio), que o custo da produção de leite nessas propriedades deveria ser reduzido, entre outras.

O instrutor ouviu todas as ponderações, concordou com a maioria delas, mas disse que eles estavam “pensando pequeno”. Explicou que esta possibilidade de alimentar bem um número elevado de animais por unidade de área traz esperança a todas as propriedades, mas, em especial, às de pequeno, mini e microporte, com 1,0 hectare ou até mesmo 0,55 hectare, como o Sítio Boa Vista, de Fábio Jorge de Almeida Machado, localizado em Valença (RJ), permitindo que decidam se vão querer fazer parte do agronegócio do leite ou se vão ficar à margem do processo. Neste último caso, ficariam esperando o momento de se retirar da atividade, “convidados” pela vida, por não conseguirem gerar renda suficiente para sustentar suas famílias, vendendo suas propriedades e ampliando as estatísticas do êxodo rural, como ato final deste drama social.

Após informar o endereço de um punhado de propriedades que poderiam ser visitadas, retomou a discussão sobre como foi definida a área a ser trabalhada no primeiro ano. Tomando-se a quantidade média de vacas em lactação nos meses seguintes (quatro, segundo

## *Sítio Esperança*

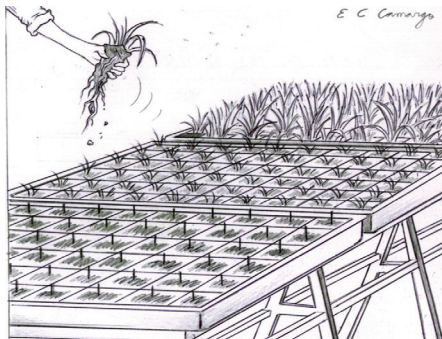
seu Antônio) e dividindo por dois, o resultado obtido é dois, ou seja, o trabalho será feito apenas para suprir as necessidades das duas melhores vacas em produção no momento. Esta redução na quantidade de vacas a serem trabalhadas no início do projeto terá por finalidades: (1) requerer menos recursos, por causa da área menor a ser trabalhada; (2) facilitar a compreensão dos conceitos técnicos envolvidos e (3) não levar a propriedade à falência, por causa dos erros de manejo da pastagem, que certamente acontecerão. Os erros são fundamentais em qualquer aprendizado, desde que haja alguém nos acompanhando (no caso, o Jair e o instrutor) para poder corrigi-los.

Dividindo o resultado (duas vacas) pela lotação mínima desejada (10 vacas/ha), se chega à área de 0,2 ha, ou seja, 2.000 m<sup>2</sup>. Este número significa a gleba de pastagem a ser formada ou a ser recuperada, dependendo da situação de cada propriedade, no primeiro ano de trabalho. No caso de seu Antônio, como ele não tinha pasto formado, será necessário semear (via sementes) ou plantar (via mudas) esta área com alguma gramínea forrageira tropical de elevado potencial produtivo.

- Qual será esta planta? - perguntaram os produtores.

## *Mudas na bandeja*

Definidos o tamanho da área e o local do futuro pasto, e estando de posse da análise do solo, faltava decidir qual a forrageira a ser estabelecida. Em razão da pouca disponibilidade de dinheiro e da localização da área a ser intensificada (próxima ao curral por ter maior fertilidade), o instrutor sugeriu uma gramínea que pudesse ser plantada por mudas e que fosse, como ele mesmo disse, “turbinada”, isto é, com elevado potencial de produção.



- Quanto menor for o tamanho da propriedade, maior deverá ser a produção da planta forrageira a ser utilizada para que se consiga estabelecer uma elevada lotação, garantindo assim um volume de produção e, conseqüentemente, uma renda que permita a permanência digna da família no meio rural - explicou o instrutor do projeto.

A sugestão foi plantar a grama-tifton, cujas mudas poderiam ser conseguidas em outras propriedades. Os produtores perguntaram por que não estabelecer uma gramínea que pudesse ser semeada, facilitando o trabalho. A resposta foi a situação econômica do Sítio Esperança.

Jair, que tudo acompanhava, anotando cada sugestão oferecida, quis saber quantos e quais os corretivos e adubos seriam aplicados no solo. O instrutor aproveitou a oportunidade e, ensinando o técnico a fazer os cálculos, chegou a uma quantidade de fertilizantes compatível com o recurso disponível.

## *Sítio Esperança*

Além disso, combinou com seu Antônio que ele verificasse com seus vizinhos a possibilidade de conseguir, na base de troca por serviço de limpeza de currais e estábulos, o máximo de esterco de gado para que possa ser usado como adubo.

- O máximo é quanto? - perguntou dona Aurora, prestando atenção em tudo o que se dizia.

O instrutor disse que, em se tratando de esterco de curral, o mínimo que deveria ser aplicado eram 5 kg/m<sup>2</sup>, ou seja, numa área de 2.000 m<sup>2</sup>, deveriam ser jogados, no mínimo, 10 toneladas. Seu Antônio se espantou com a quantidade e afirmou que isso daria umas 30 a 35 viagens de carroça.

- Como vou conseguir isso? - perguntou.

O instrutor explicou que ele não tinha a obrigação de conseguir o esterco e, sim, de procurá-lo. Se obtivesse a metade dessa quantidade de esterco, ótimo, parabéns: apenas a metade da área seria esterçada.

- Mas não é melhor aplicar meia dose na área inteira? - indagou seu Antônio.

- Não! - retrucou de bate-pronto o instrutor, explicando que se fizessem desta maneira, aplicando metade da dosagem que já era a mínima, o produtor não conheceria o verdadeiro potencial de produção de suas terras.

- Vamos desafiar a terra para que ela nos mostre do que é capaz. Precisamos saber o que ela pode nos oferecer e fazer cálculos para sabermos até onde é possível chegar e... sonhar - complementou a resposta.

Quanto à pergunta de dona Aurora, respondeu, brincando, que o máximo de esterco seria algo em torno de 50 toneladas por m<sup>2</sup>, confessando não saber a resposta correta, mas salientando que em solos tropicais a matéria orgânica é sempre muito bem-vinda.

- Na antiga Mesopotâmia, há cinco mil anos, os assírios já usavam o esterco dos animais para a adubação do solo e, no Brasil, até hoje, tem gente que despreza o uso deste insumo na produção vegetal - concluiu chateado, o instrutor.

Seu Antônio alegou que recolher o esterco em fazendas vizinhas iria dar muito trabalho, no que foi retrucado pelo instrutor - o senhor é cerne ou casca?

Mudando o rumo da conversa, Jair confirmou que o preparo do solo seria realizado pela patrulha mecânica (agrícola) disponível no município. Neste instante, um dos produtores presentes, vindo de outra região, disse que, no caso dele, não dispunha desta facilidade e queria saber o que poderia ser feito. Jair observou que ele poderia entrar em contato com algum vizinho para conseguir um trator com uma grade para preparar o terreno, pagando, quem sabe, apenas o óleo diesel.

- Ainda existe muita gente boa no meio rural - exclamou Jair, num tom saudoso de tempos de outrora, que, por sinal, nunca vivera, quando o companheirismo e a solidariedade eram sentimentos comuns entre as pessoas.

Outra solução, porém, mais onerosa, seria pagar pelo serviço.

Seu Antônio quis saber como deveria plantar a tal grama depois que estivesse com o solo preparado, corrigido, esterçado e adubado. O instrutor explicou que como ele disporia de poucas mudas, deveria plantar a grama-tifton pelo sistema de mudas na bandeja.

- Como? - perguntou Jair.

- Você, Jair - explicou o instrutor, ficará incumbido de arranjar emprestadas algumas bandejas utilizadas no preparo de mudas de hortaliças. Considerando que: (a) uma bandeja apresenta 200 espaços (células); (b) o plantio de uma muda por metro quadrado e, por fim, (c) a área a ser plantada de 2.000 m<sup>2</sup>, serão necessárias 10 bandejas. Em cada uma das células existentes nas bandejas, já preenchidas com o mesmo substrato usado na horticultura, será colocado um “nó” do estolão da grama-tifton com mais ou menos cinco a oito centímetros de talo. A rega

## *Sítio Esperança*

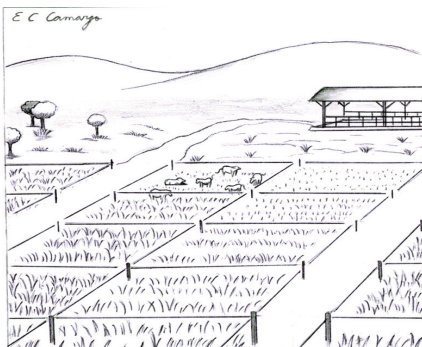
deverá ser diária. Em 20 a 25 dias as mudas estarão enraizadas e prontas para serem transplantadas na área definitiva. A melhor época para o plantio é o início da estação das chuvas (primavera). Seu Antônio e dona Aurora se animaram com a novidade e prometeram executar este serviço da melhor maneira possível.

A segunda visita estava chegando ao fim e as anotações na caderneta de tarefas preenchiam duas páginas. Seu Antônio e dona Aurora ficaram felizes com a reunião e com o fato de terem um rumo: o plantio, no capricho, da tal grama-tifton na área definida. Despediram-se rapidamente, porque dona Aurora ainda precisava finalizar o almoço. As meninas estavam para chegar da escola.



## Piquetes da felicidade

Como havia combinado, Jair acertou a vinda de um trator e uma grade que iriam preparar o terreno para o plantio de 2.000 m<sup>2</sup> de pastagem. Em pouco menos de uma hora, o serviço estava feito por um preço subsidiado pelo município. Além disso, dois terraços em nível também foram levantados, um na cabeceira e outro no meio da área, locados pelo Jair. Dona Aurora, ao ver a terra calcariada e pronta para o plantio, ficou emocionada. Enxugando as lágrimas no canto dos olhos, disse ao marido:



- É o nosso recomeço! Não podemos perder esta chance que a vida está nos dando!

Seu Antônio, sem palavras, balançou a cabeça, concordando com a esposa.

As mudas nas bandejas estavam viçosas e vigorosas, no ponto para serem transplantadas. O adubo fosfatado fora comprado e a mangueira, para molhar a área após o plantio com a água do poço comum, havia sido emprestada pelo seu Tião, vizinho prestativo e que torcia, sinceramente, por eles. O momento do transplântio havia chegado.

No sábado, após a ordenha, toda a família e o Jair, munidos das ferramentas necessárias e, principalmente, de muita coragem e determinação, se dirigiram ao local do recomeço. Dona Aurora, antes de iniciar o trabalho, pediu que todos se dessem as mãos. Após rezarem e pedirem a benção divina, iniciaram a empreitada.

## *Sítio Esperança*

Enquanto Jair abria as pequenas covas a cada metro quadrado, dona Aurora pegava as mudas da bandeja, carregada por seu Antônio, e as colocava no solo. As meninas vinham atrás compactando o terreno com as mãos. Até o pequeno Joãozinho “auxiliava” as irmãs, pisando com cuidado a terra em volta das mudinhas. O trabalho de plantio, iniciado pouco depois das sete da manhã, foi concluído antes do meio-dia. Estavam todos cansados, com dores nas costas, mas felizes!

Enquanto dona Aurora foi providenciar algo para comer, seu Antônio, Jair e as meninas se revezavam na “irrigação” das mudas. A pressão da água era pequena (a caixa estava a apenas uns três ou quatro metros de altura) e saía lentamente da mangueira, mas o que importava é que atendia a área toda. Precisariam ter muita paciência para molhar diariamente as mudas. Nos dias subsequentes, se alternaram no trabalho de rega. São Pedro também ajudou, mandando duas chuvas “criadeiras”.

Depois de poucos dias, praticamente todas as mudas haviam vingado. Os ramos da grama-tifton se espalhavam para todas as direções, garantindo o estabelecimento da pastagem. Após um mês e meio do plantio, toda a área tinha sido coberta pelo tapete verde. Dava gosto de ver. Qualquer outra planta invasora era eliminada de imediato pelos zelosos donos.

Havia chegado o momento de dividir a pastagem em piquetes, uma forma de organizar a colheita da planta forrageira pelas vacas. Seguindo a recomendação deixada pelo instrutor em sua última visita, a área da grama-tifton foi repartida em 20 piquetes de 100 m<sup>2</sup> cada um. O croqui apresentado por Jair para seu Antônio mostrava a dimensão dos piquetes. Quando viu a planta da área já com as divisões, seu Antônio sorriu, pois recordou uma das principais recomendações dadas pelo instrutor: “estabeleça piquetes mais quadrados quanto for possível”. Lá estavam eles, com 10 metros de largura por 10 metros de comprimento.

O material para o estabelecimento dos piquetes já havia sido providenciado por seu Antônio. Eram estacas de bambu, obtidas na propriedade do vizinho Tião; rolos de arame farpado retirados da própria cerca; pedaços de mangueira plástica para o isolamento da cerca garimpados no lixão da cidade, e o aparelho eletrificador da cerca, adquirido “de segunda mão”, com muito suor.

Empunhando uma cavadeira trazida pelo Jair, seu Antônio foi abrindo os buracos onde seriam fincados os bambus, enquanto Jair e as meninas iam demarcando, com o auxílio de uma trena, os futuros piquetes. O trabalho demorou quase o dia todo, mas estavam lá, os 20 piquetes numerados e os corredores de acesso.

Ao final da tarde, cumprindo outra recomendação do instrutor em relação ao horário de se colocar os animais para pastejar, seu Antônio reuniu a família e, junto com o técnico, trouxe as duas melhores vacas em lactação para experimentar a comida que havia preparado com tanto esmero. Foram instantes de apreensão. As vacas se recusaram a entrar no piquete, certamente, duvidando que aquilo fosse verdade. Uma delas olhava fixamente para aquele paraíso, parecendo não acreditar no que estava vendo. A outra, de tão emocionada, ficou com a vista embaçada pelas lágrimas. Estavam vivenciando um milagre!

Passado o estado de contemplação, abaixaram a cabeça e começaram a devorar o pasto como se fosse a última refeição de suas vidas. Comiam com gosto! Nem respiravam direito, dando a impressão de que, a qualquer momento, iriam engasgar. A gula era tanta que, se elas tivessem bolsos, certamente guardariam este manjar dos deuses para comer mais tarde. Comiam e olhavam para o céu, quem sabe, agradecendo a benção daquele pasto e desejando que todas as vacas do mundo pudessem, um dia, desfrutar da mesma felicidade que estavam sentindo.

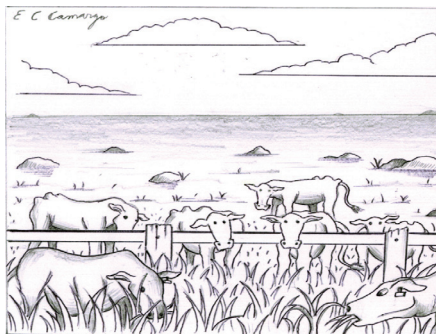
Toda a família e Jair ficaram emocionados. Os olhos cheios d'água eram a prova de todo o amor depositado naquela área e naquele trabalho. Permaneceram ali, estáticos, por quase uma hora, admirando a volúpia e a satisfação com que as vacas abocanhavam fartos bocados de capim. A noite chegara. Deixaram as vacas em paz nos piquetes, com água à vontade num bebedouro próximo.

Despediram-se do Jair, que tomou o rumo de casa, e se recolheram para o descanso. Estavam ansiosos pela chegada do amanhecer do novo dia. Que novidades ele traria?

# 21

## MSP

Antes do amanhecer, seu Antônio já estava de pé. Tomou um pingado (leite com café), comeu uma fatia de pão e saiu ansioso para a ordenha. As vacas, como de costume, estavam à beira do curral, esperando. Ele não notou nada de diferente na Fortuna e na Estrela, que haviam sido agraciadas com o banquete servido horas atrás, mas sentiu um clima tenso quando chegou perto



das que tinham sido preteridas (Alvorada e Princesa), por estarem produzindo menos leite. Tentou se justificar com elas por meio de comunicação telepática, argumentando que não era nada contra as duas e, sim, uma estratégia para aprender a manejar a pastagem com uma quantidade menor de cabeças e, claro, gastando menos dinheiro. Não houve acordo. Elas, mais a bezerrada e até o touro Chicão, estavam inconformadas e indignadas com o fato e, pelo que se constatou, preparavam uma manifestação contra aquela discriminação, uma espécie de MSP (Movimento das Sem Pasto).

Seu Antônio pediu desculpas aos animais preteridos, iniciou a mungidura das quatro vacas e, para sua decepção, não notou nenhuma alteração na produção de leite das vacas Fortuna e Estrela. Com a barra do dia apontando e finalizado o trabalho de ordenha, foi ver como tinha ficado o tal piquete.

As vacas tinham comido bastante, mas ainda restava alguma coisa. A cerca frágil, com um só fio e eletrificada por um pequeno aparelho, estava intacta. Este era um de seus temores, que as vacas não a respeitassem. Como combinara com Jair, não tomou nenhuma atitude, apenas esperou a chegada dele.

Assim que o Jair estacionou o carro, pouco antes das sete da manhã, foi com seu Antônio e dona Aurora verificar a condição do piquete. Chegou a uma conclusão semelhante à do proprietário - havia sobrado comida após o pastejo noturno. Lembrou que o instrutor chamara este pastejo noturno de “pastejo de ponta”. Recordou também da recomendação de colocar no piquete consumido, na manhã seguinte, todo o rebanho adulto para fazer o tal de “pastejo de repasse”. Sem demora, foi buscá-los. Os animais do MSP entraram comendo com uma vontade que dava gosto de ver (rebelião controlada), enquanto as duas vacas que tinham passado a noite se fartando não estavam com essa volúpia toda. Comiam com certo desdém, “provavelmente por já estarem satisfeitas”, disse Jair.

Enquanto observavam o pastejo, seu Antônio comentou:

- Ficou muito bonito o pasto dessa grama-tifton, mas leite, que é bom, não notei nenhuma diferença no balde!

Jair explicou que era assim mesmo e, fazendo uma analogia, comparou a situação das vacas da propriedade à de uma pessoa passando fome. No início, é preciso recuperar a condição corporal e a autoestima dessa pessoa para que, posteriormente, ela possa render no serviço ou nos estudos. Não é do dia para a noite que isso irá acontecer.

- Quanto tempo precisaremos esperar? - questionou dona Aurora.

- Não sei dizer, pois isso depende do grau de estressamento a que os animais estavam submetidos, mas creio que em dois ou três dias começaremos a notar alguma diferença - concluiu Jair - deixando o olhar repousar sobre as vacas e o touro, no repasse da grama-tifton.

Em pouco mais de uma hora, praticamente toda a forragem produzida naquele piquete havia sido consumida, restando apenas pequenos montículos de grama não ingeridos. Seu Antônio ficou curioso e perguntou para Jair porque os animais não haviam comido a grama-tifton nestes lugares. Jair, com cara de interrogação, chegou perto de uma destas moitas, se agachou e, com a mão afastando a grama, descobriu que em cada um destes montículos as vacas haviam estercado. O fato estava estabelecido. Onde as vacas Fortuna e Estrela defecaram, ao longo da noite anterior, nenhum

## *Sítio Esperança*

outro animal comeu. O que fazer? Jair disse que seria melhor esperar pelo retorno do instrutor para saber se isso era assim mesmo ou não. Despediu-se e foi visitar outras propriedades, enquanto o casal retomava o serviço rotineiro do sítio.

Ao final da tarde, como havia sido combinado, seu Antônio voltou ao piquete número um (agora, todos os piquetes tinham números pintados em tabuletas penduradas no arame eletrificado) para adubá-lo conforme a recomendação do instrutor e de acordo com suas possibilidades financeiras. Assim que terminou de jogar o adubo, pegou a mangueira emprestada pelo vizinho Tião e regou aquele pedacinho de chão com muita vontade e esperança. Ficou lá o tempo definido pelo instrutor e encerrou o dia fazendo o sinal da cruz, agradecendo a Deus por mais esta jornada de trabalho.

No dia seguinte, cumpriu a mesma rotina e nada de diferença no leite. Jair, que acompanhava de perto o desenrolar do trabalho, estava ansioso pela resposta das vacas Fortuna e Estrela, mas nada de importante havia sido notado na produção do leite das duas, a não ser um brilho diferente em seus olhos. O resultado do pastejo após a saída dos animais que fizeram o “pastejo de repasse” no piquete número dois foi semelhante: montículos da grama-tifton não consumidos.

Na noite do pastejo do terceiro piquete, uma chuva mansinha, daquelas “criadeiras”, havia caído por um bom tempo. Seu Antônio comentou com sua esposa:

- Agora é que o leite não vai subir mesmo, com esta chuva em cima das vacas!

Dona Aurora, com sabedoria, disse ao marido que se acalmasse e não encarasse desta forma.

- A chuva é uma benção de Deus, uma recompensa ao esforço, ao trabalho e à luta que estamos travando. Vamos dormir porque amanhã é outro dia - uma constatação óbvia, mas cheia de significados.

## A sinfonia do leite

No final da madrugada, seu Antônio cumpriu sua rotina diária. Levantou, se aprontou e saiu para o retiro. As vacas, como de costume, estavam esperando por ele. Acendeu a lâmpada empoeirada e, mesmo na penumbra, notou que os úberes das vacas Fortuna e Estrela pareciam estar mais cheios. No mesmo instante em que um lampejo de alegria o invadiu, um pensamento contrário tomou conta de sua mente.



- E se esse inchaço for resultado de uma mastite brava? - pensou, perguntando a si mesmo. - Mas nos quatro quartos dos úberes das duas vacas? - raciocinou, com nova dúvida. - Não é possível! - matutou, sorrindo por um lado e, indignado por outro, pela ideia tão esdrúxula. Queria crer que era mais leite, mas não queria se iludir. Resolveu tirar a “prova dos nove” e iniciou o ritual da mungidura.

Com as vacas no curral, chamou o primeiro bezerro, repetindo seguidamente o nome da vaca “Estrela”. Colocou-o para mamar, passou a peia na vaca, conteve a cauda, cabresteou a cria amarrando-a na pata dianteira da mãe, limpou os tetos com um paninho surrado, ajeitou o banquinho preso à cintura, se sentou, prendeu o balde entre os joelhos e iniciou a ordenha. Já estava habituado ao som dos primeiros jatos de leite caindo no balde, mas naquele dia, soavam como música em seus ouvidos. O jorro do leite ia aos poucos desfazendo aqueles pensamentos negativos de antes da ordenha e seu Antônio percebeu que alguma coisa havia acontecido.

## *Sítio Esperança*

Aos poucos, o barulho foi mudando, o balde foi enchendo, e o som lembrava agora uma melodia triunfal, como “O Guarani”, de Antônio Carlos Gomes. A Estrela, que estava produzindo entre três e quatro litros no último controle leiteiro, parecia, pelo “andar da carruagem”, que iria ultrapassar esta marca. Uma ansiedade tomou conta de seu Antônio, e quando a produção atingiu a quarta marca no balde, ele abriu um largo sorriso, pois ainda tinha um bocado de leite no úbere. Não se conteve, e a cada risco da graduação no balde, que as marolas de leite atingiam, ele se emocionava. Seus olhos começaram a encher de lágrimas. A retirada encerrou perto dos 8 litros. Olhou incrédulo, para o balde quase cheio. Afastou a espuma para certificar o volume de leite extraído e constatou a produção efetiva: 7 litros. Ficou em silêncio, agradecendo a Deus. Levantou-se, soltou o bezerro, tirou a peia da vaca e despejou o leite no latão. Aquela vaca, em toda a sua história, tinha produzido no máximo 10 litros de leite e, mesmo assim, logo nos primeiros dias após a parição. Agora, com pouco mais de quatro meses após ter criado, a Estrela havia quase dobrado sua produção. Era muito bom para ser verdade. Será que isso se repetiria com a outra vaca?

Sem demora, preparou a Fortuna e percebeu que ela também havia aumentado o leite, passando da mesma produção da Estrela (três a quatro litros por dia) para seis litros sem espuma. O volume total de leite ao final da ordenha das quatro vacas pulara de 11 para 17 litros. Seu Antônio contou para sua esposa, que acabara de chegar ao curral, e ela também não se contendo, abraçou-o e disse:

- Nós vamos vencer!

Rezaram um Pai Nosso, enquanto os primeiros raios do sol iluminavam não só mais uma jornada de trabalho, mas uma nova vida para aquela família.

Quando levou o leite para o tanque comunitário e anunciou a quantidade produzida, seu coração se encheu de orgulho e satisfação. Os vizinhos que estavam lá com o mesmo propósito se espantaram com o aumento súbito do volume de leite do Sítio Esperança e, como a inveja é um dos sentimentos mais humanos que existe, começaram a desdenhar da façanha, perguntando se ele tinha comprado a vaca Biquinha, Torneira, Cachoeira ou Cascata, numa alusão à inclusão de água no leite.



Como seu Antônio estava em estado de graça, nem se incomodou com as brincadeiras e respondeu que tinha posto água no leite sim, mas era a água do suor dele e de toda a família. Depois daquele “tapa com luva de pelica”, explicou o que havia acontecido e seus vizinhos o escutaram com atenção e interesse.

No dia seguinte, a produção de cada uma das vacas (Estrela e Fortuna) aumentou mais um litro, e a das outras (Alvorada e Princesa), que só faziam o repasse junto com o touro Chicão, também melhorou um pouquinho, e o volume de leite vendido atingiu os 20 litros. A produção se estabilizou neste patamar na semana seguinte, e seu Antônio se conscientizou, definitivamente, de que aquele aumento na produção não havia sido apenas uma ilusão. Agora, ele estava começando a entender o que realmente era alimentar bem e tratar as vacas com respeito.

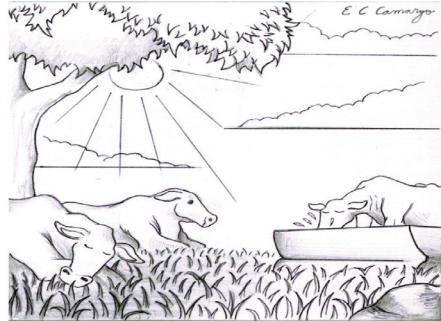
Conversando com sua esposa e com o Jair, disse estar arrependido de tanto tempo perdido que passou brigando com as vacas por elas não produzirem mais. Jair disse que não adiantava nada esse arrependimento, pois o passado não podia ser mudado, mas o presente e o futuro, sim.

- O passado não deve ser esquecido. Precisamos nos lembrar dele para não repetirmos os erros cometidos - filosofou o extensionista.

As semanas se passaram e algumas dúvidas persistiam: o manejo do repasse da grama-titfon estava correto? Aqueles “montinhos” de grama que sobravam ao redor das fezes eram comuns? Os bezerros poderiam fazer parte do grupo que pasteja pela manhã? As vacas do grupo de ponta podiam ficar o dia inteiro na sombra e se alimentar só no final da tarde/início da noite? A produção do capim no período de inverno seria a mesma? Se não for, o que fazer para continuar alimentando bem as vacas também nesta época? Estas e outras questões seriam feitas ao instrutor em sua visita seguinte. Então, só lhes restava aguardar...

## Sombra e água fresca

Pãezinhos de queijo, bolinhos de chuva e limonada esperavam os produtores convidados para acompanhar a nova visita do instrutor. A mesa posta com todo o carinho por dona Aurora mostrava o quanto a vida daquela família havia mudado. O ambiente era outro.



Com entusiasmo, contaram o que havia acontecido no intervalo entre a segunda e a terceira visita do instrutor. O brilho nos olhos deles não era de sonhos infundados, mas oriundo da realidade. Eles tinham experimentado fazer algo que, para eles, agora, soava como lógico, ou seja, tratar a terra e a pastagem com conhecimento para que as vacas, bem alimentadas, produzissem mais. “Elementar, meu caro Watson!”, como diria Sherlock Holmes, o detetive mais famoso da história, personagem criado pelo escocês Arthur Conan Doyle, a seu inseparável assistente. O problema é que milhares de produtores de leite no Brasil continuam a vagar no deserto da irracionalidade e da insensatez e ainda não encontraram o oásis do conhecimento.

O instrutor sorriu e disse que eles ainda não tinham visto nada, apenas haviam acabado de abrir as portas de um novo mundo e iriam se surpreender com o que aquele pequeno pedaço de terra (o Sítio Esperança) poderia lhes proporcionar, se fosse conduzido com base nos conceitos sobre a produção intensiva, eficiente, rentável e sustentável de leite em pequenas áreas. Dona Aurora balançou a cabeça, confirmando a confiança depositada naquelas palavras.

Satisfeitos com as guloseimas servidas, foram todos ao local dos piquetes, inclusive as meninas filhas do casal que haviam chegado da escola. O sol estava escaldante e nenhuma vaca pastava naquele horário (15 horas - horário de verão), para decepção dos convidados.

O instrutor explicou que esse era um bom indício, um sinal de que o manejo das vacas estava correto. Continuou, informando que as vacas são animais de hábito de pastejo noturno, comendo praticamente tudo o que for necessário num tempo que varia entre seis e oito horas diariamente, ruminando num tempo semelhante, e ficando no ócio (sem fazer nada) no restante das horas de um dia. Assim, se lhes for dada a opção, comerão mais intensamente na primeira metade do período noturno, ruminarão durante a madrugada, pastearão novamente no início da manhã e permanecerão sem fazer nada ao longo do dia. Vão se proteger do calor, seu grande inimigo, sob as sombras de árvores (de preferência), tendo à disposição um bebedouro próximo com água de qualidade e em quantidade (o bebedouro não precisa ser grande, basta que a água seja repostada rapidamente).

Este hábito - continuou o instrutor -, permite que a energia gerada com o aumento da temperatura corporal, por causa da alimentação e da ruminação, seja dissipada em razão das menores temperaturas no período noturno, num efeito semelhante ao que ocorre na vida do ser humano quando ingressa num ambiente que contém um aparelho de ar condicionado ligado. Em vez desse comportamento desejado, caso a maioria das vacas esteja pastando entre as 10 e as 17 horas na estação do ano onde ocorrem as maiores temperaturas, significa que faltou alimento para elas na noite anterior, provavelmente por excesso de vacas no piquete (superlotação).

- O comportamento das vacas é o que mais vai nos auxiliar a compreender o manejo da pastagem - relatou o instrutor, finalizando a explicação.

Quanto aos piquetes da grama-tifton do Sítio Esperança, o instrutor esclareceu que, analisando pelo lado das vacas do grupo de ponta, o manejo estava adequado, mas sob o prisma da pastagem, o manejo do repasse precisava melhorar, visto que sobrara muita comida, principalmente nos tais “montículos” ao redor das fezes. Era uma situação comum, mas indesejável para o bom manejo deste tipo de pastagem.

## *Sítio Esperança*

Seu Antônio e Jair perguntaram por que isso era prejudicial e o que deveriam fazer para melhorar o manejo da grama-tifton. O instrutor respondeu que o fato de sobrar pasto (sub-pastejo) é sempre prejudicial, pois dá a falsa impressão de que está tudo bem, que tem comida sobrando e que as vacas não estão comendo por serem enjoadas, mas não é bem assim. Explicou que aquela sobra, desde o primeiro pastejo, era ocasionada pela presença de fezes. As vacas, explicou, pastejam utilizando o olfato como principal sentido. Nas rodadas seguintes, o motivo da recusa das vacas pelo capim contido ao redor das fezes teve outro fator desencadeante: o pasto ficou passado. As vacas percebem instantaneamente a qualidade da forragem oferecida e a recusam.

- O que fazer? - perguntou Jair, com uma ansiedade indisfarçável.

- Será preciso roçar piquete por piquete, um por dia, depois do pastejo para não prejudicar a rotação estabelecida - respondeu o instrutor.

E disse também que a grama-tifton deve ser manejada baixa após o pastejo, pouco acima do solo, com uns oito a dez centímetros de altura. Dentro do piquete de 100 m<sup>2</sup>, existiam áreas que estavam com essa altura ou até menos e áreas (montículos) cujo capim atingia quase 30 centímetros. Este rebaixamento pode ser iniciado com as vacas de repasse (como estava sendo feito) ou com os bezerros e outros animais, ou ainda com equinos ou ovinos. No caso dos bezerros e dos ovinos, será necessária a colocação de um ou mais fios de arame, também eletrificados pelo aparelho, entre o solo e o fio principal postado a uns 80 a 90 centímetros de altura.

Outra forma seria a intervenção do proprietário mediante uso de ferramentas (alfanje, foice, enxada) ou equipamentos (roçadora costal ou tratorizada, no caso de piquetes de maior dimensão) que promovam a eliminação destes “montículos” de grama. O bolo fecal também deve ser destruído e espalhado a fim de acelerar sua decomposição; esta operação pode ser efetuada por via mecânica, com o uso da roçadora, rastelo ou enxada, ou, ainda, no caso do Sítio Esperança, com o jato d’água dirigido, visto que a área do piquete era diminuta e a irrigação ainda era feita manualmente.

O instrutor comentou ainda que um dos manejos deste tipo de forrageira que vem dando bons resultados é a roçada das sobras na manhã seguinte ao “pastejo de ponta” e o consumo pelo grupo de repasse do material roçado, e agora pré-murchado, no final da tarde do mesmo dia. Os bolos fecais têm sido retirados e jogados embaixo da cerca elétrica, fertilizando estes locais, impedindo a proliferação de plantas invasoras.

Compreendida a explicação, decidiram retornar à casa.

Durante a caminhada, suando muito, o instrutor fez a seguinte observação:

- Se nós estamos sentindo calor, imaginem uma vaca com seu rúmen, que parece um biodigestor. Qualquer animal quer conforto, inclusive nós.

## ***Cigarras ou formigas?***

Após secarem a talha d'água e sob a generosa sombra da velha mangueira, os participantes daquela visita queriam saber se a grama-tifton produziria a mesma quantidade de comida o ano inteiro. O instrutor respondeu negativamente e explicou que para uma pastagem formada por qualquer gramínea forrageira tropical, como era o caso da grama-tifton e de tantas outras - como o capim-mombaça, o capim-tanzânia, os vários tipos de capins da família das braquiárias -, apresentarem um ritmo acelerado de crescimento, quatro fatores principais deveriam estar presentes:



1. Temperaturas elevadas (o crescimento é intenso até os 40°C).
2. Longos fotoperíodos (dias compridos são muito apreciados por estas plantas).
3. Comida farta (fertilidade natural do terreno ou fertilidade recuperada com adubações pelo uso de calcários, fertilizantes químicos ou resíduos orgânicos).
4. Água (de chuva ou irrigação).

Completo dizendo que todas estas condições são encontradas apenas na estação das chuvas (de outubro a março) na região central do Brasil. Uma dúvida logo assombrou um dos participantes mais questionadores:

- Se este tipo de pastagem for utilizado na estação do verão com lotação alta, o que oferecer para as vacas na época do inverno? Aqui na região, o inverno é a época de temperaturas baixas, menos chuvosa e com os dias mais curtos, completando a informação.

O instrutor acabou de sorver mais um gole d'água, balançou a cabeça num gesto de aprovação à pergunta e respondeu que esta época menos favorável ao crescimento dos capins tropicais era uma preocupação de todos os produtores de leite e que algo deveria ser feito para neutralizar os efeitos negativos do clima. Duas serão as técnicas a serem utilizadas no Sítio Esperança: a implantação de um sistema de irrigação nas pastagens e o plantio de um talhão de cana-de-açúcar.

A irrigação terá como objetivos:

1. Antecipar o início do uso das pastagens para o final de agosto/ início de setembro, incorporando aos seis meses normais de seu uso, mais dois, ou até mesmo três meses, dependendo da região onde esteja localizada a propriedade.
2. Adiar o final da utilização intensiva destas pastagens.
3. Permitir que se realize anualmente a semeadura de gramíneas forrageiras de clima temperado como a aveia e o azevém, por sobre as gramíneas tropicais, no final do outono (abril/maio), aumentando a produção de forragem ao longo do período de inverno e, principalmente, melhorando a qualidade do alimento volumoso oferecido.
4. Eliminar os períodos de estiagem de chuva durante a época do verão, os chamados “veranicos”, sendo este o principal motivo para se irrigar uma pastagem.

Com a técnica da irrigação, o período de menor produção de pastagem ficará restrito a três ou quatro meses por ano. A implantação de um canal de irrigação garantirá o fornecimento aos animais de um volumoso de boa qualidade ao longo do período de menor produção de pastagens.

Dona Aurora, desconsiderando a irrigação por imaginar se tratar de algo inatingível, quis saber qual área de cana-de-açúcar deveria ser

## *Sítio Esperança*

plantada, onde, quando e qual o custo. O instrutor explicou, depois de mais um gole d'água, que o tamanho da área e o orçamento eram questões de alguns cálculos. Convidando todos a participar das contas, disse: “Vamos a eles”.

Considerando:

1. Um consumo de 40 kg de cana-de-açúcar por vaca por dia (incluindo as perdas.
2. Um rebanho composto por 10 vacas a ser tratado na época do inverno do ano seguinte, supondo, neste caso, a aquisição de algumas vacas leiteiras pelo Sítio Esperança.
3. O fato de ser ínfima a área irrigada de pastagem.
4. Um período de trato no cocho de 200 dias, já com uma boa margem de segurança, a necessidade de cana-de-açúcar seria da ordem de 80 toneladas.
5. Pressupondo uma produtividade de 80 toneladas de cana-de-açúcar por hectare (produtividade relativamente comum), seria necessário um hectare de área plantada com esta cultura.

O instrutor completou a resposta, afirmando que o plantio da cana-de-açúcar gastaria algo em torno de R\$ 6.000,00/ha (janeiro de 2017) para ser realizado “como manda o figurino”, e a melhor época para o plantio seria entre os meses de março e maio na região central do Brasil.

Antes de o instrutor responder onde o canavial deveria ser plantado, dona Aurora fez as contas e chegou à conclusão de que seria impossível para eles fazer este plantio, devido à falta de dinheiro.

E agora? O que fazer? Será que as vacas do Sítio Esperança estavam fadadas a comer bem somente no verão e no inverno passariam fome como a cigarra da fábula de Esopo? Será que não haveria uma possibilidade de se guardar algum alimento na forma de feno ou silagem para ser usado no inverno? Quanto a este último questionamento, o instrutor respondeu:



- Se para plantar uma pequena gleba de cana-de-açúcar a situação financeira já é crítica, imaginem a conservação de comida na forma de silagem ou feno, que são processos excelentes de armazenamento de alimentos volumosos, porém, mais caros em relação ao estabelecimento de um canavial - concluiu o instrutor.

O instrutor ouvia com atenção as angústias de dona Aurora, enquanto tomava agora, um copo de limonada e comia outro pãozinho de queijo. Estas dúvidas também eram compartilhadas pelos outros produtores. Ele afirmou que fizera os cálculos de propósito, para justamente obter aquele tipo de reação por parte dos presentes. Partiu de uma condição teórica e agora iria fazer os ajustes de acordo com a situação real da propriedade.

O rebanho adulto atual era composto por seis vacas e um touro e não por dez vacas. Comentou que a compra de vacas ainda era prematura, afinal, apenas duas vacas estavam aproveitando e, há pouco tempo, as maravilhas de uma comida bem preparada. Por menor que seja a produção do pasto no inverno (15% a 20% da produção anual), ele vai produzir alguma coisa nesta época, ainda mais se for feita a sobressemeadura com gramíneas forrageiras de clima temperado, obrigando, neste caso, à irrigação da pastagem. Assim, se no final deste verão a área de 0,2 ha estiver suportando duas vacas e mais as vacas do repasse, certamente no inverno esse pedaço de chão alimentará ao menos uma vaca. Com a atual irrigação (manual) desta pequena gleba, além de ter a possibilidade de semear a aveia e/ou o azevém sobre a gramínea tropical, ter-se-á um pasto por um período maior, antecipando o início de seu uso em, no mínimo, dois meses (60 dias), permitindo, com isso, a retirada de mais uma vaca que estaria sendo tratada no cocho.

Refazendo as contas, haveria a necessidade de fornecimento de cana-de-açúcar para cinco animais adultos (quatro vacas e um touro) por um período de 200 dias (40 t) e para um animal adulto (outra vaca) por um período de 140 dias (5,6 t). Assim, a necessidade de cana-de-açúcar seria de aproximadamente 46 toneladas, devendo ser plantado um canavial com área pouco inferior a 0,6 hectares, melhorando, mas não muito, a situação. O impasse da área a ser plantada com cana-de-açúcar continuava. Mas antes, mais um bolinho de chuva, agora já murcho, mas ainda saboroso.

## Pasto perto, canavial longe

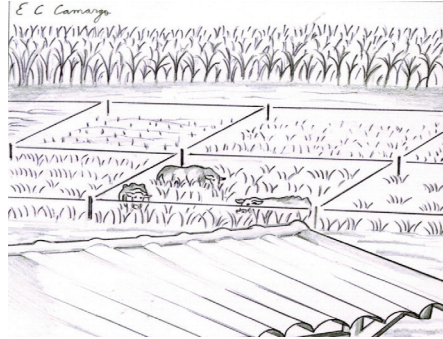
Os bolinhos de chuva já estavam murchos, de tanto que o tal do instrutor falava.

- Ele parece o “homem da cobra” - disse um dos produtores, frase ouvida por todos num momento de silêncio, seguida por risos descontraídos.

Seu Antônio já estava conformado com o fato de não ser possível o plantio da cana-de-açúcar para alimentar o rebanho na época do inverno e, na verdade, não fazia muita questão, afinal de contas as vacas nunca tiveram essa “regalia”.

Neste momento, foi repreendido pelo instrutor, que afirmou já ter visto muito esta situação: a terra responde ao tratamento, a pastagem cresce, a comida do gado melhora, o rebanho evolui, mas em muitos casos o proprietário não acompanha esta evolução e passa a ser ele, com seus conceitos ultrapassados e seus temores, o fator limitante para o crescimento da propriedade. Depois do “puxão de orelha” que serviu para todos, voltou aos cálculos da área necessária para o plantio do canavial.

A produtividade da cultura da cana-de-açúcar considerada nos cálculos foi de 80 toneladas por hectare. No entanto, como o canavial será cortado manualmente, fato comum em muitos sítios que produzem leite, pode-se adubá-lo com maior intensidade para que produza, no mínimo, 200 toneladas por hectare, pois, caso tombe, e provavelmente isto irá acontecer, trará como prejuízo mais significativo a maior dificuldade em colhê-lo. Um dos produtores



duvidou que a cana-de-açúcar pudesse produzir este tanto, sendo, de imediato, convidado a visitar várias propriedades que, inclusive, já ultrapassaram esta marca.

Contando com a produtividade de 200 t/ha e a necessidade de 46 toneladas, seria necessária uma área por volta de 0,23 hectares. Ao preço definido de R\$ 6.000,00/ha (janeiro de 2017) para o plantio, significaria um desembolso de R\$ 1.380,00. Melhorou, mas mesmo assim não dispunham do recurso.

O instrutor definiu que, neste custo, está todo o trabalho com preparo de solo, a compra das mudas, o adubo, o herbicida e a mão-de-obra. No caso do Sítio Esperança, o preparo seria feito da mesma forma como foi para o plantio da grama-tifton, com um trator “arrumado” pelo Jair. A mão-de-obra era a da própria família. Isto posto, o dinheiro seria desembolsado apenas com a compra das mudas e o adubo. Para o plantio, seria necessário algo em torno de 2,5 toneladas de mudas. Somado ao gasto com o adubo, a despesa total ficaria pouco acima de R\$ 750,00.

Enquanto seu Antônio pensava, dona Aurora deu a solução:

- Vamos vender aqueles dois bezerros machos que já estão perto de desmamar, filhos da Alvorada e da Princesa, para comprar o que for necessário para o plantio do canavial. Além disso, serão duas bocas a menos para alimentar e pode ser que ainda sobre um dinheirinho para pagar uma das contas atrasadas.

O instrutor sorriu ao constatar a evolução das ideias e dos conceitos demonstrados por dona Aurora e disse, brincando, para ela assumir o posto de comando do sítio em substituição ao seu Antônio.

Resolvido o problema de quanto plantar, surgiu a pergunta: onde plantar? O instrutor explicou que o canavial numa propriedade leiteira deverá ser localizado na área mais distante em relação ao curral, sendo contestado por quase todos os presentes.

- Mas aí fica mais difícil “pra” gente cortar. Não é melhor plantar o canavial ao lado do retiro? - foi a pergunta da maioria das pessoas.

O instrutor respondeu que este é um dos conceitos a serem alterados dentro do trabalho.

## *Sítio Esperança*

- Vocês querem plantar o canavial próximo do curral para facilitar a vida de vocês, não é mesmo? - perguntou e todos responderam afirmativamente.

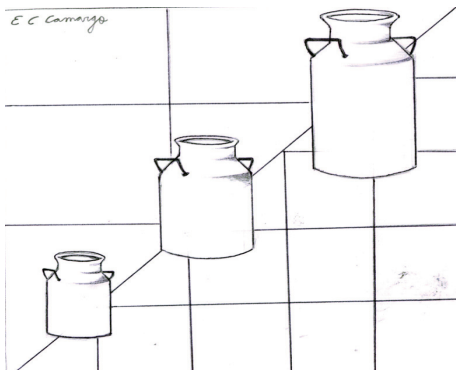
- Só que, ao localizar o canavial próximo de vocês, as pastagens ficarão nas áreas mais distantes em relação ao curral, e é aí que está o erro. As vacas devem andar o mínimo possível para que gastem menos energia e produzam mais leite. O trabalho de cortar a cana-de-açúcar, que ocorrerá em no máximo três ou quatro meses do ano, contando com a introdução da irrigação nas pastagens, não se compara ao pastejo das vacas, que acontecerá durante o tempo todo, mesmo no inverno. Além disso, vocês estão infringindo a hierarquia de comando que deve existir numa propriedade leiteira: quem manda é a vaca; em segundo lugar, o dono, e por último, se houver, o empregado. Concluiu, dizendo - a cana-de-açúcar pode andar, as vacas não!

Jair, o extensionista, quis saber se haveria alguma variedade em especial. Um dos produtores se antecipou ao instrutor e disse que cana-de-açúcar era tudo igual, era tudo a mesma coisa e que ele plantava uma que era molinha, uma beleza, conhecida por vários nomes: sangue-de-boi, maria-pelada, roxinha, taboquinha, caiana, e por aí afora. O instrutor, discordando, balançou a cabeça e explicou para o indivíduo o porquê de ele estar completamente enganado. Existem instituições de pesquisa que trabalham com o melhoramento genético da cana-de-açúcar, aliás, uma das plantas mais estudadas no Brasil, e que os materiais plantados por muitos produtores de leite poderiam ser chamados de dinossauros quando comparados a estas variedades melhoradas. Jair perguntou quais seriam então as variedades recomendadas. O instrutor respondeu que ele deveria procurar estas instituições ou mesmo as usinas de álcool e açúcar da região e perguntar aos respectivos técnicos quais as mais indicadas. No caso do Sítio Esperança, recomendou uma das três variedades “turbinadas” que conhecia: RB-85.5536, RB-86.7515 e RB-92.8064.

Mais uma visita estava chegando ao fim, com várias tarefas combinadas e, dentre elas, o plantio de 0,23 hectares de cana-de-açúcar.

## *Dividir para crescer*

Dentre as tarefas combinadas, os proprietários efetuaram o plantio de área de 2.300 m<sup>2</sup> com uma das variedades de cana-de-açúcar sugeridas pelo instrutor na época indicada (março a maio na região central do Brasil) e no local mais distante da ordenha. Evidentemente, este alimento volumoso estará disponível somente na próxima estação seca e fria.



Foi combinada também a ampliação da área de pastagem de grama-tifton para que as outras vacas pudessem desfrutar daquele “pedaço do céu”. As duas vacas que estavam secas (Pintura e Mococa) se aproximavam da nova parição, e como tirariam o lugar das vacas Estrela e Fortuna, que certamente ingressariam no MSP (Movimento das Sem Pasto), seu Antônio estava preocupado.

Como seu Antônio aprendera a formar a pastagem de grama-tifton pelo método das mudas na bandeja e, tendo duplicado a possibilidade de irrigação com a aquisição de mais dois rolos de mangueira, não foi difícil implantar mais uma gleba desta forrageira. A experiência contou muito nesta hora e, um mês e meio depois, mais de 2.000 m<sup>2</sup> de pastagem da grama-tifton estavam formados. Esta nova área foi dividida em 18 piquetes, atendendo à sugestão do instrutor. A intenção, segundo ele, era ter um capim de qualidade ainda melhor para economizar no uso do alimento concentrado (ração), apesar de reduzir um pouco a produção do capim por colhê-lo dois dias antes do recomendado. Os piquetes deste segundo módulo de pastejo ficaram com 110 m<sup>2</sup> cada um.

## *Sítio Esperança*

Na época, Jair perguntou ao instrutor o porquê de se fazer outro módulo de pastejo, em vez de incorporar a nova área ao módulo já existente, duplicando o tamanho dos piquetes de 100 m<sup>2</sup> para 200 m<sup>2</sup>. O instrutor explicara que, com dois módulos, seu Antônio ficaria com maior flexibilidade em relação ao manejo, tanto em relação ao pasto quanto ao rebanho. Jair não entendeu a resposta e pediu que o instrutor fosse mais claro.

O instrutor disse que, caso seu Antônio tenha alguma dificuldade em adubar, como por exemplo, por falta de dinheiro para comprar o adubo, e/ou de irrigar, por causa da redução na disponibilidade de água em razão de seca prolongada, e for preciso reduzir um ou ambos destes fatores de produção pela metade, se existirem dois módulos de pastejo, poderá priorizar o módulo utilizado pelas vacas que estejam produzindo mais leite. Esse deve ser adubado e irrigado plenamente, ficando o outro módulo sem adubo e sem água até que a situação financeira e/ou de volume d'água volte ao normal. Se houver apenas um módulo contendo 20 piquetes maiores, com dimensão de 200 m<sup>2</sup> cada um, e existir a necessidade de reduzir a adubação e/ou a irrigação, todos os piquetes e, por conseguinte, todas as vacas, irão sofrer com esta restrição.

Em relação ao rebanho, o raciocínio é o mesmo. A divisão em dois módulos permite que vacas no início da lactação fiquem mais próximas do local de ordenha em relação às vacas no estágio final de produção, havendo economia de energia por parte das que estão produzindo mais leite. Num sistema único, todas as vacas percorrerão a mesma distância dos piquetes até o local de ordenha, penalizando, evidentemente, as recém-paridas. Em casos de rebanhos grandes, nos quais há o fornecimento de alimento concentrado de acordo com a média do grupo, o sistema com um só módulo de piquetes implicaria a apartação diária das vacas, para que cada uma consumisse o alimento concentrado de acordo com a média de produção de seu lote. Esta apartação diária das vacas seria um transtorno enorme. Na solução proposta, os lotes já virão separados para as ordenhas, facilitando o serviço. Em resumo, o instrutor explicara ao Jair que, quanto maior a propriedade e maior o rebanho, mais divisões das vacas em grupos e mais divisões da pastagem em módulos de piquetes deverão ser feitos, dentro do que for possível, sob o ponto de vista operacional. Por exemplo, num rebanho total de 100 vacas, a pior divisão que existirá é a de um só grupo (vacas em lactação junto com vacas secas) e um só

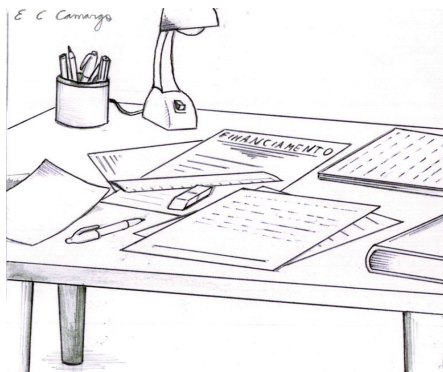
módulo de pastagem (todas as vacas disputando as melhores porções da planta forrageira). A divisão ideal seria justamente o oposto, 100 lotes com uma vaca cada um (tratamento individualizado) e 100 módulos de pastagem (um para cada vaca), evidentemente, é inviável operacionalmente. Entre a pior situação e a situação ideal, cada propriedade deverá definir o que é possível para ela, não se esquecendo que, quanto mais divisões em módulos forem feitas nas pastagens e mais grupos de vacas forem estabelecidos, mais o sistema de produção estará se aproximando do ideal. Concluiu afirmando que: “É preciso dividir para que o crescimento aconteça de uma forma mais organizada.”

O Sítio Esperança contava agora com área de 4.000 m<sup>2</sup> de pastagem de grama-tifton dividida em dois módulos. Com as parições das vacas Pintura e Mococa, e o oferecimento de comida de qualidade e em quantidade para elas desde o início da lactação, seu Antônio se surpreendeu ao vê-las produzindo 15 litros de leite cada uma.

Com a chegada do período seco e frio do ano, foi obrigado a utilizar os dois módulos de pastejo rotacionado para alimentar estas duas vacas recém-paridas. Para as outras vacas, seu Antônio conseguiu comprar por um preço “bem camarada” um pequeno canavial do Tião, o vizinho “cabeceira”, como dizia ele. A produção total de leite vendida diariamente atingiu, em certo momento, pico de 40 litros de leite. Era o máximo que já havia obtido em toda a história da propriedade, e o que era mais impressionante para ele, na época de menor crescimento das pastagens, fazendo questão de ressaltar este fato. A perspectiva para o futuro era animadora. Estavam cheios de coragem para continuar dividindo e crescendo.

## Planejamento da propriedade

Numa das visitas subsequentes do instrutor, seu Antônio, que já falara sobre o assunto com sua esposa e com o Jair, perguntou o que ele achava de requerer um financiamento no banco, tipo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar do Governo Federal (Pronaf), para adquirir algumas vacas. O instrutor sorriu contente, pois agora tinha a certeza de que a credibilidade na atividade leiteira, na propriedade, no técnico e principalmente em si próprios havia sido restabelecida.



Dona Aurora, que em princípio concordara com o marido, quis saber a opinião do instrutor quanto ao risco de se fazer um empréstimo bancário.

O instrutor alertou que a compra de animais sem que haja infraestrutura que permita criá-los corretamente seria uma temeridade e o empréstimo teria um alto risco de não ser honrado. Explicando melhor, disse que não adianta comprar vacas e não ter como oferecer comida (alimento volumoso) de qualidade e em quantidade, bem-estar e saúde aos animais. Seria como jogar dinheiro fora. Antes de se preocuparem com o financiamento, será mais indicado pensar a propriedade, planejando-a para o futuro - concluiu.

Seu Antônio achou bonitas as palavras, mas quis saber - Como?



A área utilizada da propriedade até o momento era de 4.000 m<sup>2</sup> de pastagem de grama-tifton dividida em dois módulos (um com 20 piquetes de 100 m<sup>2</sup> e outro com 18 piquetes de 110 m<sup>2</sup>) e um canavial de 2.300 m<sup>2</sup>, de uma área total disponível de 40.000 m<sup>2</sup>, lembrando que o restante do sítio (1,0 ha) será destinado à área de preservação permanente (APP), em cumprimento à legislação ambiental vigente. Isso quer dizer que da área passível de ser intensificada (4 ha), apenas 0,63 hectares estavam sendo trabalhados até o momento (15,75% da área disponível), explicou o instrutor.

Como os proprietários e o técnico já tinham vivido a situação de trabalhar bem com a pastagem e, conseqüentemente, de alimentar bem algumas vacas, concluíram que poderiam ter mais vacas. Neste momento, o instrutor falou que eles estavam prontos para aprender como planejar uma propriedade leiteira de um jeito bem simples.

Iniciou os cálculos pela área útil (4 ha) e perguntou para o Jair e toda a família de seu Antônio qual seria a lotação almejada. Jair respondeu que eles queriam atingir uma lotação média ao longo do ano, no verão e no inverno, com a ajuda do canavial na época de menor produção das pastagens, ao redor de 10 vacas/ha. No final do verão anterior, a lotação no módulo de grama-tifton, fora de duas vacas em 2.000 m<sup>2</sup>, equivalendo a 10 vacas/ha, sem considerar as vacas que fizeram o pastejo de repasse. No período da seca, que acabara de passar, esta mesma área de grama-tifton irrigada alimentara uma vaca, significando que a lotação fora de 5 vacas/ha, lembrando que não houve a contribuição do canavial que estava recém-estabelecido. A afirmação do técnico Jair não foi contestada e todos concordaram que a lotação proposta fora obtida. Com isso, a propriedade, depois de algum tempo (dependendo do investimento), teria um total de 40 vacas. Dona Aurora, neste instante, quase caiu da cadeira e seu Antônio achou graça novamente da conclusão a que o instrutor chegara.

Após um momento de descontração, o tal planejamento teve sequência. Para alimentar essas 40 vacas no inverno, considerando um consumo de 40 kg de cana-de-açúcar por vaca por dia, durante um período de 120 dias (curto, em razão da existência de irrigação nas futuras áreas de pastagens), serão necessárias quase 200 toneladas de cana-de-açúcar. Lembrou que não estava sendo considerada a produção das pastagens sobressemeadas nestes 120 dias da época seca do ano, assim como também não estava inclusa a alimentação

## *Sítio Esperança*

de algumas fêmeas em crescimento (bezerras e novilhas). Supondo uma produtividade média ao longo de quatro cortes do canavial (não se deseja que o canavial seja longo, pela disponibilidade de novas variedades mais produtivas que todo ano são lançadas no mercado), adubado intensamente, de 200 toneladas por hectare, será necessária a formação de um hectare de cana-de-açúcar contendo duas ou três variedades.

A área disponível para as pastagens será, portanto, de três ha, que deverá ser estabelecida por, no mínimo, duas espécies diferentes de gramíneas forrageiras tropicais, com o intuito de reduzir riscos de ataques de pragas como as cigarrinhas das pastagens e lagartas. Como a grama-tifton já era uma realidade, devendo ser usada pelas vacas em início de lactação, por causa de sua elevada qualidade e, como as vacas deveriam ser divididas em pelo menos quatro grupos (vacas no início, no meio e no final da lactação e vacas secas), deveremos ter algo em torno de 0,75 hectares de pastagens de grama-tifton (três ha ÷ 4 grupos) e 2,25 ha de pastagem com outro capim.

Neste instante, seu Antônio quis saber qual seria a forrageira indicada. O instrutor enumerou um punhado delas, mas sugeriu o capim-mombaça, pertencente à família do capim-colonião, que tem um hábito de crescimento diferente da grama-tifton. Seu estabelecimento, inclusive, é feito utilizando-se sementes e seu porte é do tipo que forma touceiras.

Considerando que a grama-tifton, utilizada pelas vacas em início de lactação, deve estar próxima do curral, e a cana-de-açúcar, na área mais distante, entre elas deverá ser plantado o outro capim, no caso, o capim-mombaça. Seu Antônio, para variar, ansioso, disse que não tinha dinheiro para plantar mais 3.500 m<sup>2</sup> de grama-tifton, mais 7.700 m<sup>2</sup> de cana-de-açúcar e estabelecer 2,25 hectares do tal capim-mombaça. O instrutor sorriu e perguntou se ele já tinha as 40 vacas.

Não! - respondeu seu Antônio.

Então, porque é que o senhor quer plantar tudo isso de uma só vez? À medida que o rebanho for crescendo, as áreas serão plantadas sem atropelos nem confusão, do mesmo modo que foi feito até agora - concluiu o instrutor. Nisso, dona Aurora cutucou

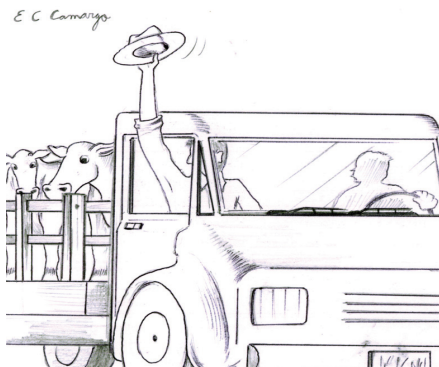
o marido e disse ao instrutor para ele recomendar novamente suco de maracujá para o inquieto seu Antônio. O instrutor, lembrando o quanto já haviam caminhado desde a primeira recomendação para que seu Antônio tomasse suco de maracujá, feita na reunião no salão paroquial do bairro, apenas sorriu.

O planejamento da propriedade estava concluído. Daqui a algum tempo, o Sítio Esperança estaria dividido em quatro hectares de área utilizada pelo rebanho leiteiro e um hectare de APP. A área útil estaria dividida em um hectare de cana-de-açúcar, 2,25 hectares de capim-mombaça e 0,75 hectare de grama-tifton, sendo o canavial plantado na área mais distante, a grama-tifton na área mais próxima do local de ordenha, e entre eles o capim-mombaça.

Ao final da visita, ficou decidida a semeadura imediata de um terço da área final a ser implantada com o capim-mombaça, ou seja, 0,75 ha.

## **Sonhos na boleia**

A sementeira em área de 0,75 hectares de capim-mombaça referente a um terço da área final destinada a ser implantada com esta gramínea forrageira, somada aos módulos existentes de pastejo na grama-tifton e ao canavial estabelecido, seria suficiente para suprir a necessidade do rebanho adulto existente e de mais cinco ou seis vacas que desejavam adquirir.



O instrutor indicou a compra de sementes certificadas e muito esmero no preparo do solo, inclusive com o estabelecimento de terraços em nível, conhecidos no meio rural como “curvas de nível”, não se esquecendo também da fertilização do solo com o uso dos corretivos e adubos recomendados depois da amostragem e análise da terra. Uma operação fundamental na formação do novo pasto via sementes, salientou o instrutor, será a compactação do solo após a sementeira, para que ocorra o contato íntimo entre a semente e a terra, podendo ser utilizado o trator (emprestado pelo vizinho ou cedido pela prefeitura), bastando passar uma só vez no terreno semeado sem nenhum implemento agrícola acoplado. O instrutor aproveitou e condenou a prática de passar a grade niveladora após a sementeira, conceito comum entre os produtores, explicando que esta operação acabará enterrando por demais as sementes, reduzindo o “stand” (números de planta na área) e, conseqüentemente, obtendo uma pastagem mal formada.

Na época indicada (início do período chuvoso e quente), fizeram a sementeira do capim-mombaça, cumprindo tudo exatamente como havia sido recomendado pelos técnicos (instrutor e Jair). E, como não poderia deixar de ser, algo que acontece com todas aquelas pessoas que são puras de coração e não desistem nunca de

lutar, foram abençoados por uma chuvinha “criadeira”, que caiu mansinha, dois dias após o plantio. Com essa “mãozinha” dada por São Pedro, a pastagem veio com vigor incrível. Seu Antônio ficou impressionado e disse, ao contemplá-la com a família, que parecia cabelo, de tanto que nasceu.

No retorno à propriedade, em mais uma de suas visitas, o instrutor encontrou a área de capim-mombaça já dividida, segundo as recomendações passadas ao Jair, em 28 piquetes de 250 m<sup>2</sup> cada um, todos numerados.

- Agora sim! - exclamou o instrutor para os proprietários. - Vocês estão habilitados para requerer o financiamento bancário para a aquisição de cinco ou seis vacas. Até que o financiamento seja aprovado e o dinheiro esteja disponível, vocês podem colocar outros animais do sítio para consumir a pastagem, ou alugar o módulo de pastejo ganhando um dinheirinho, ou ainda deixar que o capim cresça livremente até o momento em que houver necessidade de seu uso. O material produzido, neste caso, deverá ser roçado, transformando-se em adubação verde e cobertura morta para o solo. Optaram por alugar a pastagem para cinco garrotes. Cabia mais, mas decidiram seguir a recomendação de não judiar da pastagem recém-formada. A um valor de R\$ 25,00 por cabeça por mês (janeiro de 2017), ao longo de quase três meses, este dinheirinho abençoado ajudaria na ampliação do canavial com novo plantio programado para o final da estação chuvosa (março a maio), prevendo o aumento do rebanho.

Dona Aurora quis saber, novamente, a opinião do instrutor sobre esses financiamentos disponíveis para a agricultura familiar. O instrutor explicou que todo tipo de tomada de dinheiro em banco é como uma faca que corta dos dois lados. Se for bem utilizado, como o será no caso do Sítio Esperança, não haveria o menor problema. As vacas irão chegar à propriedade e produzirão leite normalmente por estarem bem tratadas. Os juros, de 3% ou 4% ao ano de acordo com a linha de financiamento, são subsidiados, existindo ainda carência e um prazo longo para o pagamento. No entanto, se o produtor retirar este dinheiro e fizer bobagem, como comprar vaca sem ter comida (alimento volumoso), então, até com juros de 0%, será difícil honrar o compromisso. Alertou, ainda, que é preciso tomar cuidado na hora da compra, pois existe muita gente que não é séria no Brasil, que vende animais

## *Sítio Esperança*

doentes, principalmente com brucelose ou tuberculose. Para isso, será preciso contar com um veterinário de confiança que auxilie na seleção das vacas para não trazer nenhum tipo de problema para casa.

Seu Antônio concordou e, ao mesmo tempo, lembrou da aflição que passou com o resultado positivo para brucelose da vaca Mimosa, que fornecia o leite consumido pela família.

Jair interrompeu a conversa para informar, em primeira mão, que em razão da procura crescente dos produtores de leite do município querendo participar do Balde Cheio, o prefeito decidiu contratar um médico-veterinário. O instrutor parabenizou a todos os produtores presentes e pediu que transmitisse os cumprimentos ao prefeito.

- É de governantes assim que o setor rural precisa. Pessoas que tenham sensibilidade e visão de que se as coisas forem bem no campo, a cidade será a maior beneficiada - filosofou o instrutor.

Com a chegada do médico-veterinário, seu entrosamento no projeto, o sinal positivo do banco aprovando o financiamento para a aquisição das vacas e a seleção feita pelo Jair de algumas propriedades leiteiras idôneas existentes na região, saíram os três para uma jornada inimaginável para seu Antônio e sua família: comprar vacas de qualidade para aumentar o rebanho e não apenas para a reposição de animais mortos, como era no passado.

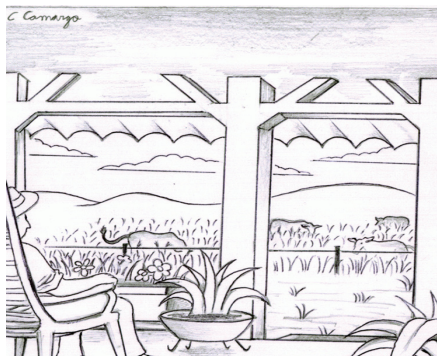
Após muitas idas e vindas dos três “mosqueteiros” à procura do melhor negócio, conseguiram, enfim, comprar as futuras hóspedes do Sítio Esperança.

Dona Aurora esperava sentada, na soleira da porta, com uma bacia sobre as pernas, picando a couve para o jantar. Cortava e olhava para o horizonte, na expectativa de ver chegando o caminhão com as vacas compradas. Era um passo importante na vida daquela família. O rebanho dobraria de tamanho, a produção de leite aumentaria e a renda da propriedade permitiria transformar em realidade o sonho de um futuro melhor.

Quando os ponteiros marcavam exatamente 18 horas, um poeirão na estrada indicou que estavam chegando. Na boleia, seu Antônio parecia um menino, abanando o chapéu para a esposa e as crianças. Na carroceria, as seis vacas escolhidas a dedo, com muita ciência e paciência, quatro em diferentes estágios de lactação (duas prenhes, uma inseminada sem tempo para o diagnóstico de gestação e outra recém-parida) e duas secas e prenhes. A intenção era distribuir os partos uniformemente ao longo do ano. No desembarcador improvisado, desceram como modelos, desfilando, para o aplauso do público presente. Todos começavam uma nova vida.

## ***Enfim, uma vida melhor!***

As vacas compradas pareciam estar em casa. Desceram e foram direto para os piquetes de capim-mombaça degustar a refeição preparada. Tinham vindo de boas fazendas, mas em nenhuma delas havia uma pastagem como a que encontraram no Sítio Esperança. O resultado é que após uma semana, seu Antônio estava despejando, emocionado, no tanque comunitário, pouco mais de 100 litros de leite por dia.



Nas ordenhas, agora duas por dia, não existiam mais as peias e os bezerros amarrados nas patas das vacas. As vacas crioulas, com muita paciência de seu Antônio, se acostumaram a produzir leite sem a presença das crias, e as compradas trouxeram este desejado “hábito”. Passara a fazer a imersão dos tetos antes e após a ordenha com produto antisséptico, bem como o teste da caneca de fundo preto para averiguação da presença de mastite clínica. Os tetos eram secados com papel toalha, aposentando o paninho surrado e imundo. Nos planos de médio prazo estavam a compra de um equipamento para ordenha mecanizada e de um tanque de expansão próprio para o resfriamento do leite.

Os dias se seguiram, as estações do ano se sucederam, e o tempo passou.

O trabalho de formar a propriedade fora levado a sério e chegara ao fim. Onde era para ser plantada a grama-tifton, ela fora plantada; onde precisava ser semeado o capim-mombaça, ele fora semeado,



e onde era necessário estabelecer o canavial, ele fora estabelecido com três variedades. Com a retirada de outros financiamentos, seu Antônio adquiriu mais vacas perfazendo 30 matrizes no rebanho, sendo que, por volta de 24 vacas estavam constantemente em lactação, produzindo média pouco superior a 18 litros diários, num total de 400 litros vendidos diariamente.

Considerando uma margem de lucro (que é o que importa) de apenas R\$ 0,20 por litro de leite, a receita líquida da propriedade girava em torno de R\$ 2.400,00 por mês. Esta renda equivalia a uma lucratividade de R\$ 7.200,00 por hectare por ano ( $R\$ 2.400,00 / \text{mês} \times 12 \text{ meses} \div 4 \text{ ha de área útil}$ ), bem superior a muitas outras atividades agropecuárias. Era uma renda nunca imaginada pela família de seu Antônio e dona Aurora.

O cenário havia mudado na propriedade. Antes, belo em razão do vale onde a propriedade estava localizada, mas triste pelo estado de abandono, agora, além de bonito, o sítio recebia a plena felicidade. O ar continuava puro, porém, agora, respirável. Antes, o clima era pesado e tenso em razão das dificuldades, agora, leve e carregado de otimismo. Continuariam trabalhando incansavelmente, afinal, queriam crescer ainda mais.

As tarefas passaram a ser exercidas mais com o cérebro do que com os braços. A terra recortada pelos terraços em nível, recuperada em sua fertilidade, e o solo descompactado, atestado pela presença de um número incontável de minhocas, mostrava o equilíbrio trazido pelo manejo correto das pastagens. Saúvas e cupins foram fazer suas moradas em outras paragens. As pastagens verdejantes divididas por cercas eletrificadas e o canavial imponente ao fundo completavam o quadro de prosperidade.

Com o isolamento da área de proteção permanente (APP) protegendo as nascentes e as margens do córrego, atitude tomada também por outros vizinhos, e o plantio de muitas árvores na mata ciliar, o córrego voltou a ter um maior volume de água, beneficiando a todos. Somente o assoreamento do curso d'água não pode ser revertido. É possível cessá-lo, mas recuperar o solo que foi perdido pela erosão, nunca mais. Outras árvores também foram plantadas com a intenção de oferecer sombra para o rebanho e embelezar a propriedade, fato este que auxiliava nas vendas de animais por apresentar o produto em uma admirada embalagem.

## *Sítio Esperança*

Lixo, no Sítio Esperança antes espalhado por todos os cantos, agora só era encontrado nas lixeiras próximas às construções. O retiro fora reformado e aumentado, ganhando os pomposos nomes de sala de ordenha e sala do leite. Seu telhado novinho não ameaçava mais ninguém. Na sala de ordenha, um fosso em espinha-de-peixe, com espaço para que duas vacas de cada lado fossem ordenhadas mecanicamente por dois conjuntos ordenhadores, demonstrava a evolução ocorrida na propriedade. Na sala ao lado, um imponente tanque de expansão com capacidade para 1.000 litros era o troféu da vitória de uma gente que nunca desistira de acreditar e de lutar.

A casa tinha sido reformada e pintada. É impressionante como uma mão de tinta faz bem aos olhos e à alma. Ganhara mais cômodos (o quarto do Joãozinho e mais um banheiro), pequenos, é bem verdade. A família passou a contar com o conforto e o aconchego de um forro de alvenaria e de uma varanda de onde seu Antônio vislumbrava as pastagens nos finais de tarde. Além disso, a casa estava sendo mobiliada pouco a pouco: sofá, mesa, cadeiras, camas e armários novos. Nestes, roupas também novas, não muitas, é bom que se diga, mas o suficiente para que se sentissem cidadãos. Nos banheiros, chuveiros novinhos proporcionavam o bálsamo após um dia de trabalho. A casa ganhara, aos poucos, eletrodomésticos novos: fogão, geladeira, televisão, máquina de lavar, liquidificador, e eles planejavam ter aparelhos inéditos como um forno de microondas e um computador. Nas refeições, havia o bastante para que todos repetissem o prato, para felicidade de dona Aurora.

Clara se lembrou da promessa feita pelo pai, que garantiu a ela uma vida melhor, depois de chegar daquela reunião no salão paroquial. Tinham conseguido!

O projeto, no entanto, como tudo na vida, chegara ao fim. A capacitação do Jair, extensionista local, fora concluída com sucesso, sendo este o principal objetivo do trabalho. O Jair continuaria sendo acompanhado pelo instrutor, porém, com menor frequência de visitas deste ao município, mas o extensionista manteria o mesmo ritmo de visitas mensais ao Sítio Esperança.

## Comitiva esperança

Dona Aurora e seu Antônio ficaram emocionados com a última visita do instrutor. O Projeto Balde Cheio, cujo objetivo é a qualificação do extensionista, no caso, o Jair, chegara ao fim com sucesso. A propriedade certamente continuará melhorando e irá mais longe. Dona Aurora recordou que o instrutor dissera há tempos atrás: “o Sítio Esperança pode chegar a ter umas 40 vacas no rebanho”.

Continuariam trabalhando para atingir esta marca.



Outro objetivo também alcançado foi o de utilizar a propriedade como exemplo para outros produtores da região, despertando neles o interesse em desenvolver o mesmo trabalho. Na própria família de seu Antônio, esta paixão pela atividade leiteira havia aflorado. A filha, Clara, no começo, descrente do futuro, ao finalizar o ensino fundamental decidira por cursar medicina veterinária assim que terminasse o ensino médio. Cândida, a outra filha, estava em dúvida quanto a fazer engenharia agrônoma ou zootecnia. Certeza tinha apenas quanto a querer lidar com a atividade leiteira. E Joãozinho, filho caçula, ainda tinha muito que brincar, mas pelo jeito do chapéu, da fivela no cinto e da botina...

Assim, com o sentimento de missão cumprida, o instrutor abraçou um a um da família e comentou que não era uma despedida, e sim, um até breve. Prometeu visitá-los anualmente, pois a atividade leiteira está em constante aperfeiçoamento.

## *Sítio Esperança*

- É um negócio muito dinâmico! - concluiu, entrando no carro. Acenou com a mão e sumiu na estrada poeirenta da mesma forma como surgira.

Passados alguns dias, Jair atendeu a um telefonema no qual era convidado a proferir uma palestra em outro município da região. Ficou nervoso, ligou para o instrutor para saber o que faria e soube que quem o havia indicado para ministrar a palestra fora o próprio. Após acalmar o Jair, o instrutor disse para ele simplesmente contar toda a história do Sítio Esperança, desde a reunião no salão paroquial, mostrando as fotos da propriedade e a situação encontrada, os primeiros números levantados, o passo a passo até como ela está atualmente. As pessoas gostam de ouvir histórias verídicas, bem contadas e com final feliz. Sugeriu que levasse consigo toda a família de seu Antônio.

No dia da palestra, seu Antônio contou com a ajuda de um compadre para fazer a ordenha da tarde. Os piquetes de grama-tifton e do capim-mombaça, onde o rebanho passaria a noite pastando, já estavam preparados e abertos.

- É só abrir a porteira da sala de ordenha que as vacas já sabem o caminho - recomendou, sorrindo para o compadre.

Naquela tarde, muitas famílias se arrumaram e foram ao local marcado. Fizeram a inscrição e sentaram nas cadeiras do fundo da sala. Aquelas pessoas só não estavam mais envergonhadas porque a reunião iria acontecer no salão paroquial do bairro, onde muitas pessoas tinham histórias de vida semelhantes, com as mesmas aflições e preocupações com o futuro.

O local foi enchendo de gente até o início do evento. O organizador deu boas vindas a todos os presentes, anunciou o título da palestra e fez um breve comentário:

- Hoje, vamos saber como tornar nossas propriedades leiteiras, por menores que sejam, em propriedades que gerem renda, permitindo que nossas famílias, além de continuar no campo, vivam com dignidade.

Em seguida, chamou o palestrante. Jair agradeceu o convite e, ao ficar frente a frente com o público, percebeu a angústia

estampada na face da maioria daquelas pessoas. O destino lhes era incerto. O futuro nebuloso não era nada promissor. Como sugerira o instrutor, ele contou a história do Sítio Esperança, que foi ouvida atentamente. Para dar mais credibilidade ao que narrara e mostrara detalhadamente, convocou seu Antônio, dona Aurora, as meninas Clara e Cândida e o caçula Joãozinho para que dessem seus depoimentos. Eles, ao lado do técnico Jair, se revezavam nos testemunhos, mas foi quando dona Aurora falou com o coração que a plateia se emocionou, e muitos tiveram que enxugar as lágrimas. Era um pouco mais, um pouco menos, a história de todos os que estavam ali, e que havia chegado a um final feliz.

Jair explicou direitinho o que seria feito, as condições (deveres) para participar do trabalho e os direitos de cada produtor. O extensionista daquele município se prontificou a desempenhar o papel feito por Jair, e um dos produtores se pôs à disposição, oferecendo sua propriedade para ser utilizada como “sala de aula prática”. Neste instante, extensionistas de outros municípios, juntamente com seus produtores interessados, pediram, encarecidamente, que seus municípios também fossem incluídos no projeto. Jair, emocionado e orgulhoso do que provocara, assumiu o compromisso de ajudar a todos. Passaria ele a desempenhar o papel que o instrutor havia realizado no Sítio Esperança.

Ao final da reunião, a família de seu Antônio entrou no carro, comprado com o dinheiro “suado” gerado pela produção de leite e, no meio da poeira, sumiu no horizonte.

A Comitativa Esperança, como fora batizada, aportara naquele rincão dando a oportunidade para que mais pessoas participassem desta verdadeira cruzada da cidadania, de resgate da autoestima e do restabelecimento da confiança no futuro.

Ficou na memória dos presentes o convite final feito por seu Antônio:

- Venham conosco. Não desistam. Eu garanto que vale a pena. Se não for por vocês, que seja, ao menos, por seus filhos!

**FIM**